

Oferta  
9. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANC III - N. 113

15

JULHO  
1943



O Julho, que amadurece searas e traz as férias dos estudantes, dá-nos também o gozo do iodo à beira-mar e a beleza de um sorriso como este. Emergiu há pouco das ondas espumantes e traz ainda no rosto doirado de «bela portuguesa» as gotas de água salgada como um orvalho de primavera em flor...

(Foto Manuel Santos)

Vida  
Mundial

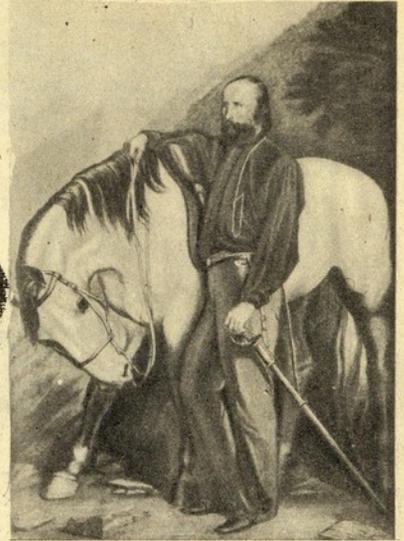
# ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

# O PRELÚDIO DA LIBERTAÇÃO DA ITÁLIA

## O DESEMBARQUE DE GARIBALDI NA SICÍLIA EM 1860

Por S. SCHMULEVITZ



GIUSEPPE GARIBALDI

EM 13 de Maio de 1860, a Gazeta Oficial do Reino das Duas Sicílias publicava a seguinte notícia sensacional: «Anteontem, dia 11 de Maio, pela uma hora e meia, dois navios mercantes genoveses, o «Piemonte» e o «Lombardo», lançaram ferro em Marsala. Uma tropa, composta de algumas centenas de filibusteiros, desembarcou, tendo os dois reais navios de guerra «Capri» e «Stromboli», que cruzavam ao largo do litoral, aberto fogo contra os dois navios que serviam a um evidente fim de pirataria. O bombardeamento custou a vida a numerosos piratas. O «Lombardo» foi metido a pique, e o «Piemonte» aprisionado. As reais tropas estacionadas nesta região puseram-se imediatamente em movimento, a fim de cercar e aprisionar o inimigo em debandada. As últimas notícias telegráficas recebidas de Palermo e das restantes províncias sicilianas não referem nenhuma novidade.

A informação do governo dos Bourbons acima reproduzida, constitui um exemplo típico de como os comunicados oficiais servem para iludir o público. Efectivamente, 99 % do texto da notícia não correspondia à verdade. Eis como os factos se passaram: Na noite de 5 de Maio de 1860 desembarcaram mil e um homens no porto de Marsala, situado na costa noroeste da ilha. O «um» chamava-se Giuseppe Garibaldi, e os mil eram os voluntários que, sob o seu comando, vinham libertar a Sicília do jugo reaccionário dos Bourbons — primeiro passo para a libertação e unificação definitiva da Itália. Por conseguinte, não eram «filibusteiros». O desembarque realizava-se, como dissemos, seis dias antes da data indicada no comunicado do governo de Nápoles. Todos os soldados e todo o material já haviam pôsto pé em terra, quando foram surpreendidos por dois navios de guerra que imediatamente romperam fogo. Um destacamento de voluntários avançou rapidamente sobre o quadrado cercado de altas muralhas que constituía a cidade de Marsala. O edifício dos correios foi ocupado por cinco homens. Quando penetraram no edifício, o empregado dos telegraphos estava justamente a transmitir a notícia de terem arribado dois navios inimigos cheios de tropas. Um dos homens afastou o funcionário e transmitiu imediatamente o seguinte desmentido telegráfico: «Enganei-me, são navios nossos». A resposta expedida pelo telegrafista de Trapani, foi breve e concisa: «Burro». Entretanto, o resto dos homens, conduzido por Garibaldi, espalhava-se depressa pela cidade, que se encontrava completamente nas mãos dos invasores, decorridas duas horas sobre o desembarque, sem que estes tivessem perdido um único homem. Mas, não havia tempo a perder. Os habitantes foram chamados às armas, e o «Comité» secreto dos revolucionários em Palermo fabricou e distribuiu uma proclamação ao exército, à policia do rei e aos cidadãos, convidando os primeiros a depor as armas, e os segundos a pegar nelas, e preparar-se para a hora decisiva da libertação. O dinheiro encontrado nos cofres do

Município de Marsala foi distribuído entre os legionários garibaldinos que compraram pão e vinho para festejar a sua primeira vitória, e no dia seguinte saíram da cidade. Não sabiam para onde iam. Mas bastava-lhes saber que Garibaldi os conduzia para o seguirem cegamente.

O segundo comunicado oficial do Governo siciliano «informava» a população sobre a marcha dos invasores. Dizia que — infelizmente — o «bandos» de Garibaldi, composto de 800 homens, evitara chocar com as tropas reais, tendo, no entanto, sido obrigado a aceitar combate e pôsto em debandada pelo brigadeiro-general Landi, perto de Calatamifi, depois de haver devastado todas as aldeias que se lhe deparavam no caminho. Os «piratas» teriam sido desbaratados, tendo retirado em desordem para as montanhas, onde estariam a ser sistematicamente aniquilados. Dizia ainda que o próprio Garibaldi fóra morto por um golpe de baloneta. Mas, nada disso sucedera na realidade. Garibaldi gozava de perfeita saúde e sentia-se mais bem disposto do que nunca. Fóra recebido como verdadeiro Messias na cidade fortificada de Salemi, que o exército siciliano entregara sem combate. Segue-se a vitória de Garibaldi e Calatamifi, a 15 de Maio, que é rápida e decisiva. As tropas de Landi retiram em fuga desordenada para Palermo. E o comunicado oficial de Nápoles afirma: Garibaldi foi batido definitivamente...

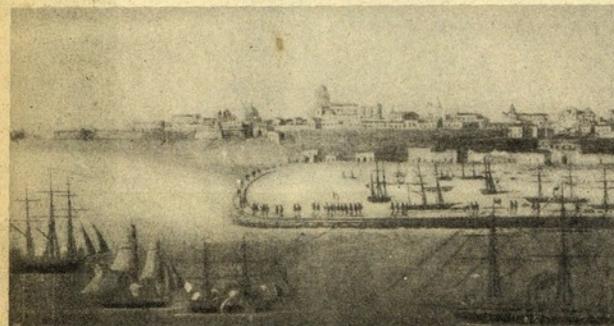
Garibaldi organiza as guerrilhas, o método mais eficaz para aniquilar e destruir o moral dum inimigo em retirada. Em toda a parte onde aparece um homem envergando o uniforme dos Bourbons, atiram-se a ele. Os soldados não dormem recendo assaltos e armadilhas. Quando voltam para trás, a fim de obrigar os guerrilheiros a aceitar combate, encontram apenas bivaques abandonados; e quando voltam as costas, apanham uma carga de metralha. É um inimigo terrível, porque é invisível mas omnipresente! O exército siciliano prossegue na sua triste retirada, em plena desmoralização e decomposição, enquanto o povo entusiasmado adre aos «piratas» de Garibaldi, participando na perseguição dos opressores odiados. Contudo, a situação ainda não está livre de perigos. Ainda os Bourbons dispõem de vinte mil homens bem equipados e treinados, apoiados na praça forte de Palermo. Fortes destacamentos guardam e vigiam as estradas de acesso à capital. Garibaldi é obrigado a ultrapassar as montanhas para se aproximar de Palermo, progredindo através de aldeias devastadas pelo exército de Landi em retirada. Mas o inimigo retine tropas frescas da guarnição da capital e persegue-o. Em Nápoles e Palermo canta-se vitória. E todo o mundo que estava aguardando o último suspiro de Garibaldi, fica surpreso quando, repentinamente, é divulgada a notícia de que o grande cabo de guerra se encontra às portas de Palermo à frente de alguns milhares de homens resolutos. O exército siciliano caíra numa armadilha. Perseguiu apenas um fraco contingente garibaldino,

destacado com o único fim de despistar o inimigo, enquanto Garibaldi reunia o resto dos seus efectivos, e marchava sobre a capital. A superioridade numérica do inimigo entricheirado em Palermo, não impressiona Garibaldi. Dá ordem para que a cidade seja assaltada e tomada. E a ordem é cumprida. O adversário retira para o palácio real e o forte de Castellamare, donde começa a bombardear impiedosamente a cidade, a despeito dos protestos do almirante britânico Mundi, cuja esquadra está ancorada no porto de Palermo. O vice-rei, general Lanza, informa o almirante de que está firmemente disposto a dominar a revolta garibaldina a ferro e fogo, e que lhe pede para se abster de qualquer intervenção. Mais tarde, é ele próprio que pede a intervenção do almirante junto de Garibaldi... Entretanto, os soldados sicilianos recebem ordem para destruir e incendiar todos os edifícios, durante a retirada. A soldadesca dos Bourbons comete crueldades indiscrimináveis, mas tudo isso não consegue impedir que Garibaldi entre triunfante, sob as aclamações da multidão estupefacta, no palácio da Câmara Municipal. Os combates nas ruas continuam. Peleja-se em toda a parte. Por fim, o general Lanza pede um armistício a Garibaldi, por intermédio do almirante inglês. A bordo do navio-almirante realizam as negociações. O almirante inglês, embora neutro, favorece abertamente Garibaldi.

O armistício teve de ser prolongado por duas vezes. Os generais sicilianos, embora reconhecendo a sua situação desesperada, não podiam decidir-se a aceitar as condições que Garibaldi impunha. Finalmente, Lanza recebe instruções de Nápoles para capitular. E assina o tratado pelo qual Garibaldi garantia livre retirada a 20 mil soldados da guarnição de Palermo, em troca da entrega da cidade. Palermo está livre!

Francisco II em Nápoles sacrificara a Sicília para poder conservar o resto dos seus domínios na Península. Porém, ainda havia soldados dos Bourbons na ilha, e Garibaldi jura não descansar até que o último inimigo armado tenha desaparecido da face da Sicília. A vitória de Milazzo priva o inimigo do resto das suas ilusões. Não tarda que Messina se renda também. Acabaram-se os combates na Sicília. O resto é rápido. Em 7 de Setembro de 1860, as legiões de Garibaldi entram em Nápoles sob as ovações duma multidão delirante.

Quatro meses depois de ter desembarcado num pequeno porto da Sicília, com um bando de «piratas» esfarrapados, Garibaldi era senhor dum Reino!



O desembarque dos «mil» no porto de Marsala



Combates nas ruas de Palermo

# UMA RECEPÇÃO Diplomática

LISBOA do mundo oficial e diplomático, Lisboa fidalga e literária, Lisboa das artes e ciências deu-se *rendez-vous* no último sábado, levada pela mão do sr. embaixador do Brasil aos salões e jardins do Hotel Aviz. Era a primeira recepção que o sr. dr. Neves da Fontoura dava em Lisboa, mal refeito ainda dos cumprimentos afectuosos da chegada, e que a estima de portugueses e brasileiros não conseguira limitar às dimensões do protocolo. Por isso a recepção de sábado se revestiu de um significado tão particular — por isso foi das mais lindas festas a que Lisboa assistiu nos últimos tempos.

Depois dos aperitivos, no terraço contíguo ao «hall», os convidados desceram ao jardim, passando depois ao salão, onde a orquestra inundava o ambiente de música e onde foi servida a ceia volante. Lá vimos o sr. ministro da Marinha segurando cuidadosamente um pratinho de saladas e uma taça de espumante, enquanto o sr. dr. Júlio Dantas, muito cuidadosamente, sacudia da manga do «paletot» uma gota de galatina... O sr. presidente da Câmara Municipal dançou com «swing», e o sr. embaixador de Espanha falava com o sr. ministro da América — enquanto D. Veva de Lima, recompondo os apanhados do vestido complicado, onde se fôra anichar uma rodela de lagosta, confidenciava ao sr. dr. Espraqueira Mendes que só a guerra seria capaz de fazer servir no Aviz café com açúcar pardo...

As imagens que damos em seguida falam, entretanto, muito mais expressivamente do que quanto possamos escrever. Ora vejam:



O sr. embaixador, Dr. Neves da Fontoura, recebe os convidados. Aqui, é o sr. Joaquim Leitão, secretário geral da Academia das Ciências e da Assembléa Nacional.



Os srs. ministros da China, antes de ser servida a ceia volante, servem-se de aperitivos.



Nos jardins, contíguos ao salão, quem não quis ceiar nem dançar, ficou sob a luz clara das lâmpadas a tomar o ar fresquinho da noite.



Aqui está o sr. governador civil, coronel Lôbo da Costa. Que estará a dizer ao dr. Roque da Fonseca? Adivinhe, se é capaz...



As ciências também se fizeram representar. O sr. Prof. Dr. Costa Sacadura, neste grupo de senhoras, faz, talvez, algum diagnóstico...



Neste grupo, Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, com sua gentilíssima filha, olham ao longe alguma perspectiva... Será a nova época teatral? Almada que o diga.



Enfim, a nobreza também esteve presente. O sr. conde de Mafra já tomou um «cocktail» e prepara-se para entrar no salão, onde irá ceiar, por certo...

# TRÊS PLÁGIOS

## OU UM CASO INÉDITO DE MATERNIDADE LITERÁRIA!

EM 1938, uma portuguesa entrava na livraria José Olímpio, da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, e mirava de alto a baixo as prateleiras, as estantes, as longas bancas onde se empilhavam blocos de livros. Num deles, havia um livro de Bernardo da Silva Guimarães — «O Seminarista» — um outro de Menotti del Picchia — «Os amores de Dulcineia» e «A Sucessora» — de Carolina Nabuco. Custava tudo oito mil réis mas o que menos parecia interessar era, realmente, «A Sucessora» — por ser, sem dúvida, «literatura para moças»...

Carolina Nabuco gozava o crédito discreto de um nome respeitável — é filha do escritor Joaquim Nabuco, primeiro embaixador do Brasil nos Estados Unidos — mas não lograra nome de escritora que se impusesse a quem procura em leitura alguma coisa mais do que o romance do romance.

O livro fóra, pois, apenas folheado. A portuguesa regressára a Portugal acompanhada do livro e a história deveria acabar aqui. Mas não acaba. Um dia, apareceu o réclame de um filme. Chamava-se «Rebecca». Um passageiro do «Clipper» trazia a tradução brasileira do romance inglês, donde fóra extraído o argumento do filme. E, pouco depois, nas montras das livrarias de Lisboa, aparecia o gróss volume de «Rebecca», ao mesmo tempo que o filme se exhibia perante um dos intérpretes: Lawrence Olivier...

\*\*\*

Quando tomei contacto com a segunda versão da «Mulher eterna», tive aquela nítida sensação que o instinto jornalístico não engana: estava diante de um plágio. Mas, apesar de «A Sucessora» ter aparecido à venda em 1934 e a tradução de «Rebecca» me chegar às mãos em 1941 — não



O escritor e crítico literário Alvaro Lins

hesitei. Com a tendência simplista que nos caracteriza a todos nós, portugueses, para só acreditar no que nos vem de fora — e como livro brasileiro é para todos os efeitos livro de dentro — concluí que Carolina Nabuco praticára a feia acção de plagiar o romance de Daphne du Maurier...

O caso ficou, entretanto, com essas tinturas baças e incaracterísticas de idéias. No fim de contas, nem valia a pena transportá-las do sub-consciente para colocar mal um livro de língua portuguesa e uma autora que não chegara a conhecer no Brasil.

\*\*\*

Mas, agora, o caso do plágio ressuscitou com tintas mais nítidas, pela pena de Alvaro Lins, no seu livro «Jornal de crítica» e que é uma colectânea de trabalhos publicados no «Diário da Manhã» do Rio de Janeiro. A exauturação é pública, notória e traz um título: «Rebecca, um plágio».

Voltei agora a ler os dois romances. E concluo com Alvaro Lins, com ou sem Edmond Jaloux, que «A Sucessora», com o seu ar de romance regionalista e ambiente pequeno, tem muito maior equilíbrio na construção e dignidade nas figuras, do que o livro de Daphne du Maurier. Direi mesmo que o romance de Carolina Nabuco é muito mais um livro de pessoa que pensa, que ausculta e sente — do que o da sua imitadora, onde se reflecte uma cabecinha de avelã, estranha a intimismos e a problemas de análise e de idéias. As páginas em que Carolina Nabuco nos põe Miguel e Marina perante problemas do Brasil não têm paralelo na versão inglesa. A primeira dá-nos um estudo psicológico romaneado — mas, desta matéria apreciável, Daphne du Maurier só aproveitou o romance, por não ter à mão a química de escritora brasileira...

Será, portanto, «Sucessora» um livro superior a «Rebecca»?

É, pelo menos, o livro de uma mulher superior: Carolina Nabuco revela-se muito acima de Du Maurier, embora ambos os livros não ultrapassem certos adjectivos de condicionalismo.

\*\*\*

Vejamos, por consequência, em que se baseia a afirmação do plágio. Quanto a mim, é mais de «sensação» do que de palavras. A gente lê um, lê outro e sente que já leu aquilo, que tudo aquilo tem um equivalente. Mas vai procurar essa equivalência e não a encontra tão caracterizadamente como Alvaro Lins nos quer fazer acreditar. Trata-se, de facto, de um plágio imaterial, de um transporte de idéias e de pessoas para um plano muito mais desenvolvido do livro de Daphne du Maurier do que no outro de Carolina Nabuco. Quasi tinha vontade de dizer que em «Sucessora» se tentou principalmente fazer uma fotografia psicológica. Mas entretanto o que ela nos conta do Carnaval Carioca, por exemplo, pode ser muito regional mas não tem nenhum sentido de arte na transposição para o romance. Diria mesmo — e quem o diz sabe o que é o Carnaval no Rio — que tudo aquilo tem uma certa chateza e abaixamento de poder criador e emoção descritiva de que não podem andar arredados motivos de arte. A gente

lê e fica, por menos que o tente, com a impressão de que tudo se passa no subúrbio da Central, entre caixeiros do Nada além de \$500...

\*\*\*

Mas apontemos algumas passagens de ambos os livros, servindo-nos das páginas numeradas por Alvaro Lins. Muitas delas não encontrariam equivalência nas palavras: vem das situações e a comparação só poderia ser apercebida pelo leitor que conhecesse ambos os livros — e o de Carolina Nabuco não me parece que seja conhecido do nosso público. Mas há outras passagens, como por exemplo a das páginas 91 a 92 de «Rebecca» e 81 a 84 de «Sucessora» que merecem especial atenção. Numas e noutras fala-se da governante — Danvers no romance inglês, Júlia no brasileiro — com os mesmos pontos desafortunados, em relação a Marina que no livro de Daphne du Maurier se chama Mrs. Winter:

«Júlia referia-se também a ela e parecia a Marina que o fazia, ao contrário do cozinheiro benevolente, com um secreto rancor contra a nova patroa. Júlia ocupava de longa data um posto de responsabilidade na casa, quasi o de governante. Marina encontrava-a sempre nos corredores, fiscalizando o trabalho das empregadas subalternas e descobrindo poeira em cantos obscuros. Tinha um olhar agudo mas esquivo. Em conversa, seus olhos fugiam de repente...»

Vejamos agora o que sentem pela morta as duas heroínas, igualmente hóspedes na própria casa vaga. Marina sente que,

«a qualquer momento, inesperadamente, apareciam novas ligações entre Alice e as coisas da casa. Tudo nas salas, numerosas e cheias, nas paredes vastas e ornadas de pratos e cristais, tudo fóra compra de Alice ou presente feito a ela, tudo portanto escolhido por ela ou para ela, e tudo reflectindo um momento do seu gosto... Alice acolhedoramente, fazendo de dona de casa, parecia receber a sucessora como hóspede passageira...»

«No rosto de Mrs. Danvers vi a mesma expressão que lhe notara quando apanhou do chão as minhas luvas caídas no hall... O mesmo olhar escuro e sombrio, que me penetrara sem que eu soubesse por quê — uma estranha sensação de inquietude, como um preságio! Tentei sorrir. Não o consegui; Vi-me presa daqueles olhos onde não havia uma luz, brilho algum de simpatia pela minha pessoa...»

«Mrs. Winter dizia que Frank não tinha que descansar as mãos sobre o mata-borrão nem ver à sua frente a caligrafia ousada dos rótulos dos compartimentos. Não tinha que olhar para os candelabros da chaminé nem para o relógio e lembrar-se todos os dias de que tinham pertencido a ela, que fóra ela quem os escolhera, e que não eram absolutamente meus... Não era minha a culpa, se me sentia hóspede em Manderley...»

O lenço de Rebecca, que Marina e Mrs. Winter encontraram com o perfume usado pela morta, está numa caixa e num bôlso de impermeável... E há também a história de um «bibelot» que ambas partem e escondem com medo da governante; e há a incompetência de ambas para o governo de uma grande casa; e há a falta de tato das duas cunhadas — Germana e Beatrice; e há a mesma perturbação, perante as iniciais da morta, nas roupas de casa; e há a mesma cena, durante o primeiro jantar com convidados:

«Germana, do outro lado da mesa, via Marina entretida a conversar: «—Agora nem se lembra de que estamos todos à sua espera! — pensou. Mas, de repente, Marina reparou que o jantar estava terminado e levantou-se.»

«Final, Giles fez uma pausa e o meu olhar encontrou o de Maximo. Vi que franziu ligeiramente as sobrancelhas, fazendo um sinal de cabeça, na direcção da porta. Ergui-me um tanto estouvadamente.»

\*\*\*

Enfim: até naquilo que parece haver acrescente de imaginação no livro inglês, é apenas sugerido pela leitura do romance brasileiro, onde há também o retrato da morta, feito por um grande pintor, e que persegue com o seu olhar a sucessora. A própria vida aventureira da infame Rebecca é sugerida por este pensamento de Marina, diante do retrato:

«Uma das esperanças de Marina era de um dia encontrar alguma falha secreta na vida de Alice que a derrubasse do pedestal... Daqui nasceu a tragédia detectivesca de «Rebecca»...

\*\*\*

Creio que isto chega para concluirmos que Daphne du Maurier, apanhou o original em inglês que Carolina Nabuco enviara para Londres, para ver se algum editor o aproveitava. O mais curioso é que tudo nos faz supor que esse mesmo original, que também foi enviado para os Estados Unidos — foi parar às mãos da escritora norte-americana Mary Love, que escreveu sobre ele um romaneço de má literatura a que a tradutora D. Alice Ogando deu o título de «A mulher comprada».

Sim, este romance também é um plágio. Esta escritora norte-americana, que manda agora diálogos que Alice Ogando diz ao microfone de Rádio Clube — copiou a Rebecca ou o livro de Carolina Nabuco. Também nesse livro há uma morta que tortura a «Sucessora» e a felicidade do casal. Poderia, mesmo, citar inúmeros pontos de contacto, como esses do acidente na caça, que tem paralelo no mistério da morte de Rebecca; poderia falar do mesmo retrato da morta; poderia falar das reacções nos momentos aflitivos de Mrs. Winter que sente frio na base do estômago — ao passo que Peggy cora; poderia falar dos primos das mortas... Poderia falar, realmente, de muitos pontos de contacto desta literatura de plagiadoras que fazem livros com idéias alheias e inundam o mercado de processos deshonestos de fabricação e cultura...

Estamos, pois, queridos leitores, perante dois casos de plágio, que de nenhum modo honram a verdadeira autora da idéia. Três mulheres deram à luz três romances — mas só uma é verdadeira mãe: Carolina Nabuco.

M. A.



### Stuart DO "QUINTALINHO" MUDOU-SE PARA O BAL MUSETTE DE BONPERNASSE...

STUART tem espírito parisiense fundido em alma de alfacinha. Se vivesse em Paris — estava sempre em Montmartre ou no Bairro Latino. E havia de gostar das sopeirinhas, havia de se enamorar das «Zázás», das «Miettes» e «Mimis» — quando mais não fosse, pelo seu ar «exquisito», pelo gosto de se ficar perdido em sonhos às mesas de «cafés» ou nas «hortas» de Paris. ...Stuart é assim e nunca foi outra coisa: um eterno apaixonado das coisas populares, um identificado com a arte das gentes simples. Oh! que saudades este Stuart rambóia há-de ter tido da feira de Santos, das farturas de Belém e do carrascão à sombra, nos bons tempos em que a Luz era para os pinocas de Lisboa e Marialvas de «três ó vintém» qualquer coisa de fuga e libertação de um século insípido de torradinhas com manteiga e chá das cinco!...

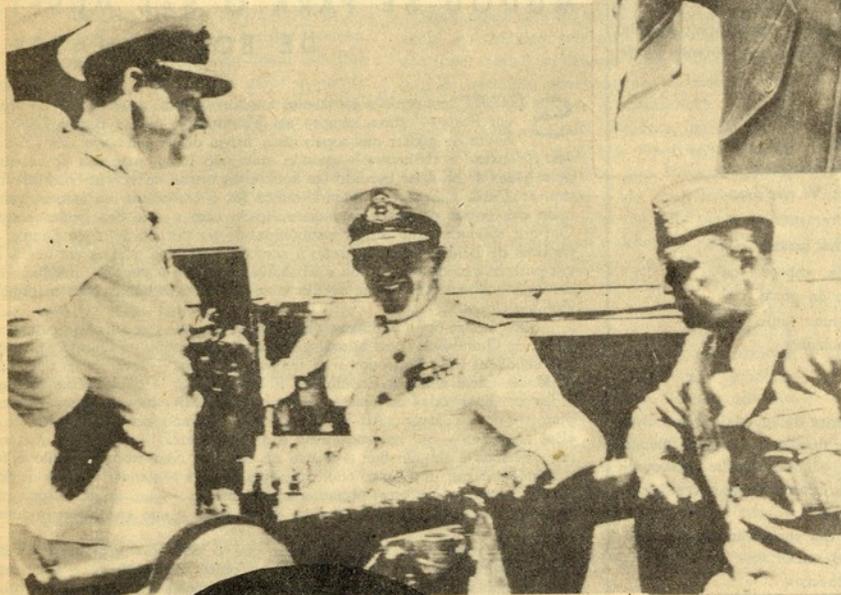
Sim, Stuart tinha saudades disto tudo. Mas, éle que já não podia ir aos bailes do Quintalinho nem buscar motivos de inspiração no Quartier Latino — que saudades hoje sente dos seus tempos de Paris! — teve agora uma oportunidade única: a Feira Popular de Palhavã. Está lá como peixe em água; todos os dias, todas as noites. Arranjou um sócio, montou uma barraca e pintou por ali fora: «Au Bonpernasse». Chamou-lhe «bar», chamou-lhe «Bal Musette» — oh! as «musettes» e as «gigolletes»!... — mas o que todos nós devemos é chamar-lhe: a «Casa de Stuart!» Sim, porque aquilo é todo o mundo interior de Stuart, com pequenas bonitas a atender, pernas de fazer perder a cabeça — pernas pintadas nos biombos... — um ar de boémia parisiense que diz bem com a sua alma de artista e a sua «négligée» indumentária...

Stuart está ali na Feira Popular que o «Século» organizou. E lá o fomos surpreender um dia destes, com a objectiva apontada e a iniciativa de uma homenagem ao mais extraordinário caricaturista e ilustrador humorístico da nossa terra: vamos promover um almoço em sua honra. Vamos chamar os amigos e os admiradores de Stuart, para irem com «Vida Mundial Ilustrada» homenagear o «blagueur» do lápis stuartiano. E estamos certos de que ninguém faltará à nossa sugestão. Vai ser aberta uma lista e nela se inscreverão quantos adoram a arte de Stuart, o seu despenteado, a sua barba crescida, a graça do seu cavaquear, o seu espírito de artista e enfant gaté...

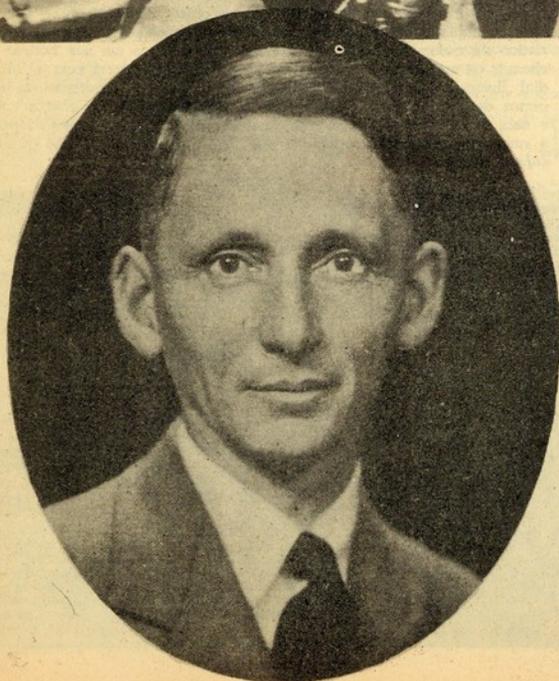


# OS CHIEFES

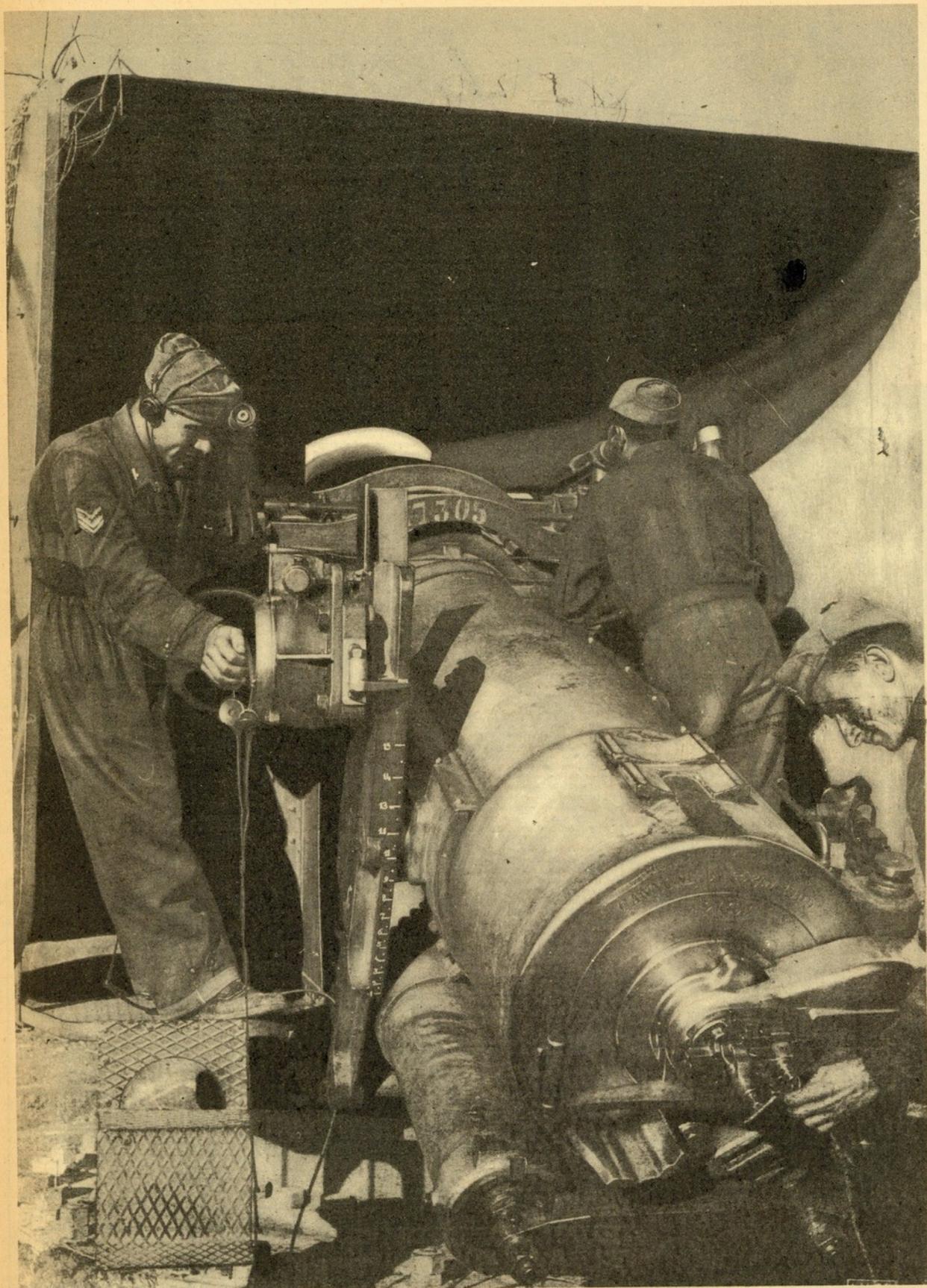
*que comandam*  
*a invasão*  
*da*  
**SICILIA**



*Eis os homens a quem foi confiada, superiormente, a marcha das operações da invasão da Europa: Ao alto, general Eisenhower, norte-americano, comandante supremo dos exércitos aliados de terra, mar e ar; no oval, marechal Arthur Tedder, inglês, que dirige as forças aéreas; em baixo, almirante Cunningham, também inglês, chefe das operações navais.*







*Toda a costa italiana está alerta. Os Aliados, finalmente, deram o grande passo que o mundo angustiadamente esperava. A Sicília foi atacada — e aí está a primeira fase da evasão da Europa. A Itália, porém, não dorme. Toda a costa do Mediterrâneo está fortemente defendida por artilharia de grosso calibre, como esta que a foto representa.*

# SETE DIAS DE cinema

Por FERNANDO FRAGOSO



Carol Bruce com o uniforme do Corpo Auxiliar Feminino da Aviação Americana.

O cinema está sob o signo da guerra. Em Hollywood, segundo uma estatística recente, os argumentos de setenta por cento dos filmes em produção giram em redor de factos e episódios, ligados directa ou indirectamente à conflagração actual. Pearl Harbour, Guadalcanar, Casablanca, Singapura, Port Moresby, Tunis, Bizerta, Creta, Pantelária — todos aquêles nomes que figuram ou figuraram, com mais insistência, nos comunicados de guerra — desdobram-se, através das lutas que os ilustraram, numa imensidade de películas, onde a realidade e a fantasia se mesclam nas mais estranhas e variadas proporções.

A América utiliza a força do cinema, o seu poder de sugestão e de expansão, para cantar os feitos dos soldados, na linguagem clangorosa das imagens — e pôr diante dos olhos dos compatriotas, como um exemplo e um incentivo, a grandeza dos sacrificios que lhe são impostos, pelos interesses superiores da Mãe-Pátria.

O cinema americano está d'este modo, a perder a sua universalidade, para se transformar, até certo ponto, num instrumento bélico, para uso interno. E, ad' mesmo tempo, sacrifica aos imperativos de momento, o seu carácter de espectáculo. Setenta por cento dos filmes «yankees» em realização abandonaram a sua finalidade de entretenimento e diversão para se tornarem, agentes de propaganda, mensagens de guerra, panfletos dirigidos ao coração e ao sentimento dos povos em luta.

\* \* \*

Esta invasão silenciosa, que progride na indústria, começa agora a encontrar as primeiras resistências. Os soldados, nas zonas da retaguarda, quando assistem aos espectáculos que lhes são consagrados, querem acima de tudo ver filmes que lhes não falem das pugnas que têm travado, que lhes não evoquem o ambiente dramático em que vivem.

Ao mesmo tempo, os jornais de Londres informam que o público britânico se desinteressa, cada vez mais, das fitas de guerra e, em compensação, afluem em péso aos espectáculos musicais de nítidas características de diversão. «Cabin in the sky», romance musical, interpretado por negros, bate todos os récorde, em competência com as películas que falam de ataques de «comandos», de tremendas pugnas na selva, ou de desembarques arrojados sob o fogo dos canhões inimigos...

Estas são as primeiras resistências que se opõem à invasão da guerra, no cinema... E, em boa verdade, parecem-nos lógicos os anseios daqueles que buscam na tela a evasão espiritual, o esquecimento das misérias do mundo, o repouso para os seus espíritos, em permanente tensão...

Nesse maravilhoso filme que se chamou «A Quimera do Riso» (Sullivan's Travels), o idealista realizador que só parecia interessar-se pelos temas sociais, resolvia dedicar toda a sua actividade aos filmes cómicos, depois de

ter verificado a balsâmica influência, que, sobre os presidiários, exercia Mickey Mouse, nas suas ingénuas e deliciosas aventuras.

A vida não dispensa uma quota parte mínima do Sonho!

\* \* \*

No entanto, a América está grata a Hollywood, pelo seu esforço de guerra. O cinema alinhou, desde a primeira hora, nas fileiras dos combatentes mais entusiastas. E, segundo um inquérito a que se procedeu recentemente, a grande percentagem dos voluntários que acorreram a inscrever-se, encontraram no cinema, o grande incentivo para a sua decisão. Outrora, os regimentos que desfiliavam nas ruas ao som de marchas heróicas, os sorrisos e os beijos das mulheres que envolviam os soldados num halo de amor e de carinho, faziam o milagre — embora em menor escala e com menos poder de sugestão.

E Hollywood, previdente, foi mais longe: procurou ir de encontro ao espírito dos tibios ou indiferentes. Focou o caso de cada um deles, hábilmente, através de argumentos, onde o motivo da sua indecisão se insinua, se discute e combate, de acôrdo com os interesses superiores da Nação.

E, assim, «For me and my gal» é o drama de um artista que, por amor duma linda rapariga e por que está à beira de conquistar uma posição com que sempre sonhou, inutiliza, propositadamente, a sua mão direita, para fugir ao recrutamento. Quando a noiva sabe, repudia-o. Esse homem fraco mede então a baixa que cometeu. Pretende entrar para o serviço militar — mas não o aceitam. Ele não descansa, entretanto. E consegue, depois de mil e uma peripécias, merecer a Cruz de Guerra. O amor volta quando a sua consciência de Homem digno encontra, naquela distinção, lenitivo para o mal que a corrói...

\* \* \*

Hollywood está sob o signo da guerra. Já aqui dissemos que o toque de cessar fogo será mais prontamente obedecido nos campos da batalha e levará mais tempo a cumprir na tela... Para o cinéfilo — que tenha apenas uma política e uma finalidade — o Cinema — a Paz aparece como a promessa de novos rumos... Os actores despirão os uniformes, o canhão deixará de troar — o cinema voltará a ser aquilo que foi: o espectáculo, o divertimento favorito das multidões!



Wallace Beery visita o campo de recrutamento, do Forst Ord na Califórnia — «posa» amavelmente para a objectiva dos soldados.

# CALÇADA DA GLÓRIA

A «Calçada da Glória» tem hoje a subida bonita de ser colaborada por alguns escritores estrangeiros de reputação universal. Desvanecidos, lhes agradecemos a honra que nos concederam, colaborando nesta página. A cada um deles — poetas, romancistas, filósofos, dramaturgos — nos permitimos a audácia de perguntar o que pensavam acerca das mulheres, — os seres que, depois das pulgas, mais procuram aproximar-se do homem. As respostas à nossa pergunta constituem motivos de profunda reflexão — até pela variedade de critério que as inspirou. As opiniões sobre as mulheres variam; há os que dizem sempre bem e há os que dizem mal sempre; mas mesmo os que dizem invariavelmente mal, estamos certos disso, as adoram e as desejam — principalmente se forem bonitas... O resto é a literatura.

II II

Uma mulher pequena é, muitas vezes, uma grande carga.

Oxenstein

II II

Foge duma mulher bonita! É o pimento vermelho...

Confucio

II II

Lágrima de mulher constitui tempo de malícia.

Publio Syro

II II

A mulher é a mais bela metade do mundo.

Rousseau

II II

As mulheres amam, mas não sabem amar.

Dumas, filho

II II

A sombra dum homem vale mais do que cem mulheres.

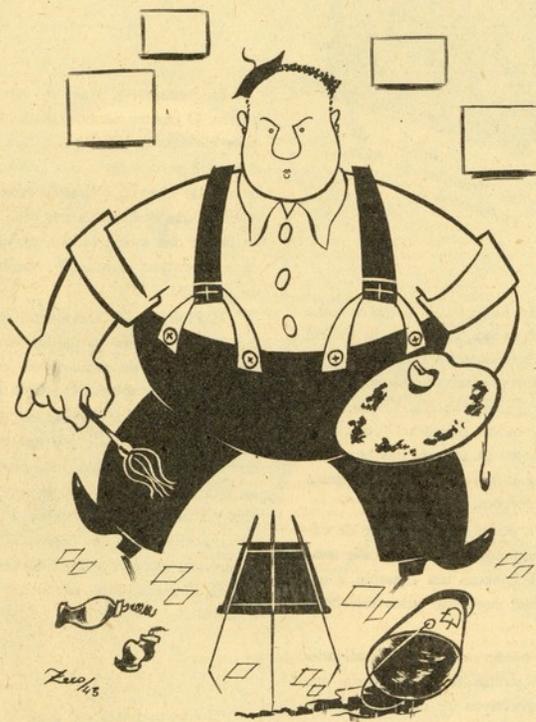
Pio Baroja

II II

Logo que as mulheres são nossas — deixamos nós de ser delas...

Montaigne

## CARTA ABERTA AO PINTOR MANUEL LIMA



Ó Lima doce, ó pálida donzela,  
Então êsse quadro por que berro?  
Que uma bruxa me transforme em perro,  
Se há coisa para mim como uma tela!

Ela me arranca pegajoso escarro,  
Que no fundo do meu peito grudo;  
As próprias comichões de mim sacudo,  
Quando lhe deito a mão, quando lhe agarro:

De vício tal, se é vício, paciência,  
Vício que se confessa é inocência,  
E eu nisto de quadros sou casmurro.

Amigo Lima, cautela, põe-te em guarda;  
Pensa bem no destino que te aguarda;  
Ou mandas quadro — ou levarás um murro...

ELMANO SALGADINHO

A felicidade das mulheres consiste no número de adoradores, e o seu orgulho em os ter sempre novos.

Rochebrune

II II

Mulher que dá o retrato promete o original.

Dupuy

II II

Se as mulheres corrigissem todos os defeitos que lhes atribuímos, perderiam todo o encanto que possuem.

Soler

II II

A vida duma mulher é sempre um romance.

La Cbaussée

II II

Se as mulheres não tivessem os homens para as perder, bastavam-lhes os romances.

Richter

II II

Tôdas as mulheres podem ser perfeitas — durante cinco minutos...

Stabl

II II

As mulheres hão-de ser eternamente uma contradição.

Nietzche

II II

As mulheres desconfiam dos homens em geral e confiam nêles em particular.

Commerson

II II

A mulher ufana-se de ter vinte anos; tem vergonha de ter quarenta; entristece-se com os sessenta; e orgulha-se de chegar aos cem.

Zorrilla

II II

O maior agravo para uma mulher consistiria em pregar-lhe nas costas — a certidão de idade.

Arus

II II

A mulher é um lindo defeito da natureza.

Milton

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

SABE O QUE VAI LER?

# A VIDA DAS "TERTULIAS" literarias...



A mesa do café tem, na sociedade moderna, a sua história. Por ela, muitas vezes, se pode avallar, como num índice, a cultura dum povo. Nas efervescências políticas e nas convulsões de regimens a mesa do café foi tribunal pleno: — a chávena substituiu o código. Entre nuvens de fumo e cavaqueira amena fizeram-se listas de ministérios e resolveram-se, numa penida, equilíbrios orçamentais. A mesa do café protesta contra o analfabetismo e abre escolas por todo o país... embora os projectos fiquem dispersos pelos tempos de mármore. Quatro ou cinco cidadãos abançados, sófregos de saliva, com o esforço de Hércules, levantam o mundo do chão — e batem as palmas reclamando: «mais bagaço!». Ir ao café, para muita gente, é um pretexto de cavaqueira. As vezes acontece, talvez distraidamente, beber-se uma chávena da aromática bebida. Mas, no fundo, é a reunião.

Vai fulano, vai beltrano, aquêlê traz uma nova, apanhada a uma esquina e ampliada logo pela fantasia — outro vem berrar que o chefe, o director, é uma suprema criação de quatro pés — e, durante três horas, há amizade mútua de bons entendedores, há reputações arrazadas — para daí a pouco, ao toparem na rua com os alvejados, as suas mãos trémulas de respeito bajularem um cumprimento hipócrita... Ora esta mesa de «café» tem vindo a rolar de geração em geração. Os que ali se sentaram há anos, deixaram, nos tempos, uma paisagem e um programa: a paisagem será aquêlê negro traçado de lápis, que o criado por mais que esfregue jâmais conseguirá apagar (tem qualquer coisa de estranho — talvez o nervosismo e a ansiedade de quem deseja passar uma mensagem — e só faz frases e frases, insultando o senhorio, que a renda paga-se a oito e o mês já vai por diante). O programa é sempre o mesmo: pedir café, esperar os amigos, falar do alheio, com a recomendação «de que não me interessa a vida de cada um!»

\* \* \*

Há, porém, outras mesas de café, que podem espelhar a nossa vida de cultura. Referimo-nos aos grupos de intelectuais e artistas que, durante umas horas, fazem as suas «biagens» e tomam o seu café. Evidentemente que a estes homens não interessa o problema particular do senhor Beltrano que deixou a mulher com cinco filhos e vive com uma bailarina, nem o caso de Dona Fulana que lixou o marido, pela escada de serviço.

Os problemas de arte, de filosofia, questões económicas — que hoje, mais do que nunca, preocupam os povos — servem de tema para delêite da cavaqueira. A «Brasileira do Chiado», o «Gêlo», o «Lisboa», o «Chave de Ouro» são pontos de reunião dos mais diferentes sectores da actividade social. No primeiro: artistas, homens dos jornais, políticos e gente de péso nessas coisas do desporto; no velho café da Rua 1.ª de Dezembro, revisteiros, a família teatral; os músicos, os próprios contratos de orquestras são feitos à mesa do «Chave de Ouro»; e quantos elencos artísticos o «Lisboa» não tem fornecido?

Há o café burguês, o da burocracia, o do comerciante, o «Nacional», o «Lusitano», o da Rua da Prata — para não falar do «Cristal» a que já chamam cinefêlo...

\* \* \*

Dos grupos de intelectuais que se juntavam à mesa do café para a «velha tertúlia», a que Brito Camacho, com tanto espirito e entusiasmo mantinha no café «Chiado», ainda hoje é recordada saudosamente.

As melhores mentalidades daquele tempo por ali passaram na esteira do mestre, que sabia conversar, com raro brilho! Outra «tertúlia», que foi, também, quasi, um renovamento no campo artístico: a de Fernando Pessoa — no «Martinho da Arcada». Era uma pleiade de novos, gente de entusiasmo que, na audácia da mocidade, trazia uma nova mensagem para os domínios da poesia.

Hoje, as tertúlias quasi desapareceram. Encontra-se um ou outro, por coincidência à mesa, mas ninguém discute — lê-se o jornal, boceja-se, olha-se o céu — e o tempo vai na mesma, sem ardor nem entusiasmo.

\* \* \*

Ferreira de Castro pertence a uma «tertúlia» vai para vinte anos. Assis Esperança dava-se muito com o autor da «Selva». Todas as noites, após o jantar se encontravam na Avenida, mesmo debaixo daquela árvore fronteira ao «Paladium». Tinham as mesmas ansiedades, comungavam em idénticos princípios. Roberto Nobre aparecia, também. No inverno, porém, a árvore não podia servir. Era um tronco débil... Lembraram-se, então, de continuar as suas reuniões na Pastelaria Venesa, ali à Avenida. Novos elementos vieram acamaradar: o pintor Dr. Arlindo Vicente, o escritor Julião Quintinha, o jornalista Pinto Quartin Castro Soromenho e o poeta Amâncio Novarro, o Dr. Carlos Amaro e Manuel Ribeiro. Ferreira de Castro, ontem como hoje, é quasi sempre o primeiro a chegar. O criado já sabe: chá de tilia. Bebe, geralmente, quatro chávenas. Outros preferem o café, bem quente. O Dr. João de Barros despeja sobre a mesa, um cartucho de caramelos... é que na «Tertúlia» pode haver, no meio da discussão, qualquer azedume... passageiro, aliás, mesmo sem o açúcar dos caramelos... Também alguns dos valores estrangeiros, que têm passado pela nossa terra, não dispensam uma visita à Pastelaria Venesa, à noite. Ferreira de Castro e Assis Esperança — como fundadores — assumem a presidência, convencional porque o lugar de presidente é de todos e all não há secretários, nem estatutos, nem quotas. São muitos os jóvens que se abeiram da experiência de ambos. Mas essa é outra faceta interessante daquela reunião a que não falta Alexandre Cabral — um dos que mais aparece.

Enfim: a Tertúlia de Ferreira de Castro sem ser tão célebre como as do Pombo — Ramon Gomez de Sá, Serna Dau, Ramon del Valle, representa na nossa terra uma afirmação de inteligência e cultura em vinte anos de estreito e leal convívio.

MANUEL MARTINHO



Olá, como está você, Assis Esperança?



Que teria dito Castro Soromenho ao ouvido de Pinto Quartin?



Um bico de obra... Como vamos responder a este neofito?

Entram João de Barros e Ferreira de Castro...



# FIGUEIRA DA FOZ

## a praia do ouro



Pela orla da praia, o passeio matinal em boa companhia...



Três graças, três vidas, três Vênus que despontam da espuma branca das ondas...



As raparigas e os rapazes de Buarcos — o Rancho das Flores da Beira-Mar...

**N**ÃO é fantasia! Há anos, por caprichosa vontade da Natureza, levou o mar consigo grande parte da areia desta bela praia, para muitos a rainha das praias portuguesas, para muitos uma das velhas da Europa.

Surgiram, então, aos olhos locais, as massas rochosas da sua estrutura. Confranja ver, assim a praia descarnada!

Eis, porém, que, alguém mais atento, descobriu, nos veios daquelas penedias escuras e pulidas, pontos luminosos, poalha doirada... Logo a sua curiosidade o levou a abaixar-se, para a analisar de perto: eram verdadeiros bocadinhos de metal, de metal belo e duro como o ouro.

Quis ouvir um ouvíves. Fêz-se o ensaio. Em silêncio. Com expectativa dos dois... Era realmente ouro aquêle metal profusamente espalhado, em pepitas, pelos extensos penedos da praia descarnada da Figueira da Foz há anos.

Logo as mulherzinhas de Buarcos fecharam as portas das suas casas para irem, em procissão, apanhar o ouro que a Natureza liberalmente lhes oferecia.

Foi isto há-anos... e não foi a primeira vez.

Havia muito ouro na Figueira da Foz...

1943. Ano de guerra por esse mundo! Ano de privações, de fomes, de negras expectativas. Ano de faltas...

Estamos em pleno verão. Apeete o mar, o repouso, a vida descuidosa...

Na capital há constantemente a sugestão das ocupações profissionais, das lutas... E as donas de casa queixam-se: as criadas pedem-lhes mais para lhes levar menos...

A Figueira da Foz tem fama! A sua «praça» goza do prestígio de fartura e barateza. O ano passado, muitos veraneantes compravam a dobrar: para os gastos da ocasião e... para os transportarem, depois,

para as suas terras... A Figueira da Foz é benévola...

Este ano? As dificuldades — diz-se — aumentaram. Talvez por isso, desde Junho, quasi não há casas para alugar na Figueira da Foz. Os pedidos crescem. Os pretendentes aumentam: vão propositadamente all pesquisar, inquirir, oferecer, cobrir ofertas...

E a época? As atrações? Serão as mesmas? Serão mais brilhantes ainda?... A Comissão de Turismo encarregou-se de estimular os naturais da cidade, por meio de concursos, de instruções, de sugestões e conselhos, no sentido de beneficiarem, alindarem, acomodarem tanto quanto possível os ambientes domésticos e de diversão de toda a estância.

Julho. Abre o seu casino monumental, amplíssimo, por onde têm passado as maiores celebridades do «music-hall». No seu vasto salão de baile a mocidade diverte-se. Há quem destine a sua vida: o sangue palpita, o coração impõe-se. A idéia do casamento flutua, como perfume, na undulação da música...

Nascem festas. Festas e concursos. Para grandes e pequenos.

Festas populares;

Festas do bebé mais lindo, do bebé mais forte, do bebé...;

«Ginkanas»;

Concurso de construções em areia;

Concurso de pesca;

Concurso de bochechas regionais;

Concurso de tiro aos pratos...

No dia 26, que está aí a hater à porta, começam os touros. Estão contratados, para este ano, os maiores nomes do toureiro português e alguns do toureiro espa-

nhol. Os aficionados ficarão satisfeitos; os outros deslumbrados.

1 de Agosto: regatas internacionais. Natação, remo, vela e motor.

A multidão vai assistir a estes heróicos despiques náuticos onde a força física é coadjuvada pela força moral e pela ambição de ganhar. Viverá a ansiedade, ver-se-á dividida pelas rivalidades ruidosas; sentirá crescer o desejo da vida sã e forte, saudável.

Na praia, cada qual procura recolher o máximo de benefício estival para os úmidos e frios dias de inverno.

Sol e mar. Energia. Da areia sobe o eflúvio hélio-marinho, essa misteriosa atmosfera — (eléctro-magnética? físico-química?) que nos recarrega os nervos exaustos.

Há silenciosos confrontos de corpos que estimulam, em cada um, o desejo de curar mais afinadamente do próprio — «Farei ginástica durante o inverno; para o ano verte-se. Há quem destine a sua vida: o sangue palpita, o coração impõe-se. A vida altura o imperativo moral da saúde.

Enquanto umas e uns se estiram molemente ao sol, há grupos jogando a bola, correndo, combinando forças, alguns movimentos ginásticos...

Mas também há «flirts»...

Aquela, hoje, veio de grandes óculos negros: pode, assim, ver sem ser vista.

Citimes? E os psicólogos despontam... Nasce o dito, surge o humorista. E já é a vida de sociedade, ali, em plena praia.

O mar está de um azul puríssimo que se confunde, ao longe, com o céu.

As ondas espumosas falam: trazem a voz, festas, carícias; a outras decepções, rancores...

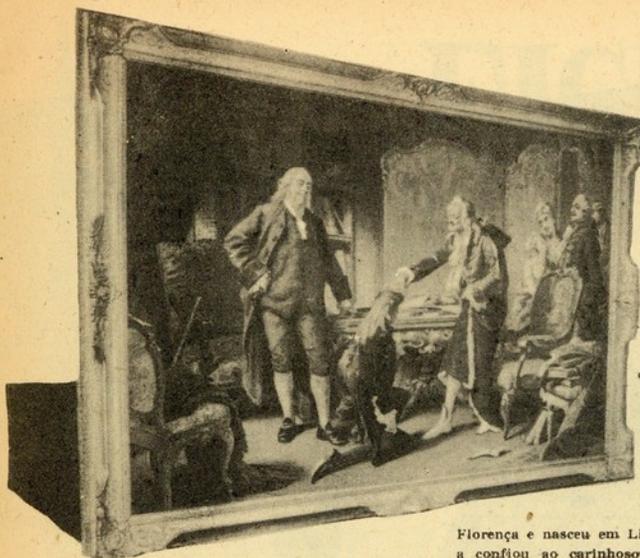
Passa perto um late. Lá ao longe, no alto mar, que passará?

Não queiramos saber... Aqui é a Figueira da Foz, inundada de luz, de vida, de energia, de mocidade e de amor — de ouro, de ouro humano, do melhor ouro.



# PEDRO AMÉRICO

## RESSUSCITOU



Pedro Américo retratou-se assim aos 11 anos.

**E**STAMOS no Palácio da Embaixada do Brasil. Transpomos o «hall» e a escadaria atapetada. No andar nobre, na seqüência elegante e acolhedora dos três belos salões — dourado, rosa e azul — aguardamos. Chega o ilustre cônsul do Brasil, Sr. Dr. Ivan Galvão, amigo dilecto de Pedro Américo e organizador da exposição celebrativa do seu centenário.

Subimos outro lance da escada artisticamente guarnecida de estatuetas e painéis e, no andar superior, abrem-se à nossa admiração as salas onde a valiosa colecção foi criteriosamente distribuída: conjunto de obras de arte pura, documentos e recordações do mais notável intérprete brasileiro de cenas e figuras da história do seu país — Pedro Américo.

Logo à entrada, uma grande tela se impõe: «Voltaire, na Academia Francesa, recebe Benjamin Franklin e lhe abençoa um netinho» — sem nome de Deus e da Liberdade». Pintada no decorrer de 1890, pouco depois de proclamar-se a República no Brasil, é a réplica, um tanto diferente, do original oferecido pelo grande artista ao Governo Provisório, e existente no Museu do Rio de Janeiro. Foi o filho de Pedro Américo, Eduardo, que ainda vive em

Florença e nasceu em Lisboa, quem o ano passado a confiou ao carinhoso zelo do cônsul Dr. Ivan Galvão, admirador do artista. É por isso que podemos apreciar essa tela magistral que há muito estava enrolada e ficaria talvez perdida.

(De passagem: M.<sup>me</sup> Cardoso de Oliveira, muito tempo embaixatriz do Brasil em Portugal, e que tão belas e saudosas recordações nos deixou, era, também, filha de Pedro Américo).

Junto à grande tela de Voltaire, está o Hindíssimo esboço desta, composição que lembra, pelo sabor de detalhes, os quadrinhos de gênero de Meissonier.

Detemo-nos ante outro admirável esboço — tão acabado nos particulares que, dir-se-ia, uma perfeitíssima miniatura — o da «Batalha de Campo Grande» que nos mostra o Conde d'Eu lançando a cavalaria brasileira contra os canhões paraguaios, num ímpeto de nervosismo lendário, que fez vencer o pleito. Foi o primeiro quadro de batalha de Pedro Américo, gênero em que excedeu os maiores e mais reputados mestres, como Horácio Vernet, de quem foi discípulo.

A sua «Batalha de Alvaiz», tela que media 12 metros por 8 de largo, essa, grangeou-lhe o título de «Chefe da Escola Idealista na Europa», proclamado assim pelos críticos da Itália e da Alemanha. O seu auto-retrato foi colocado, então, na célebre Galeria degli Uffizi, de Florença, entre os dos maiores pintores do mundo.

Duas litografias reproduzem desenhos seus, ainda desse gênero de pintura movimentada e difícil: a «Rendição de Uruguaiana» e o «Ataque da Ilha da Redenção», episódios da guerra do Paraguai.

«Anjo de Sabóia» e «Joana d'Arc» são dois outros esplendentes esboços a óleo, de uma fluidez extraordinária. O primeiro lembra-nos, pelas feições da figura, a Rainha Margarida.

«Leão Africano» pertence a uma série de pequenos quadros de animais que o artista então marcava a duzentos mil réis e ninguém comprava, e que agora são disputadíssimos...

A reprodução fotográfica de «Carloca», mitológica figura de mulher brasileira, a simbolizar a fonte de água puríssima que mana do Monte Corcovado, mostra-nos um dos seus mais inspirados trabalhos. Com essa criação — diz-nos o cônsul Dr. Ivan Galvão — o artista, aos 21 anos de idade, alçou-se às alturas onde pairava, na velhice, o seu mestre Ingres, autor da famosa «Sources», que Charles Blanc tinha pelo mais perfeito quadro da Escola Francesa.

«Cristo Ressuscitado» é outra tela maravilhosa. Cabeça formosíssima, realçada por uma auréola de ouro em que se destacam os cabelos castanhos, sedosos e revoltos, é um delicado primor, de uma sinceridade, doçura e nobreza que impressionam! — Mas Pedro Américo — elucida amavelmente o Sr. Dr. Ivan Galvão — não foi só um prodigioso pintor. Laureado pela Universidade de Bruxelas e pela Sorbona, dirigiu a sua cultura para outros campos de acção. Foi também filósofo de singular agudeza e equilíbrio, homem de ciência e de letras, excelsa idealista, orador fluente e até político e deputado.

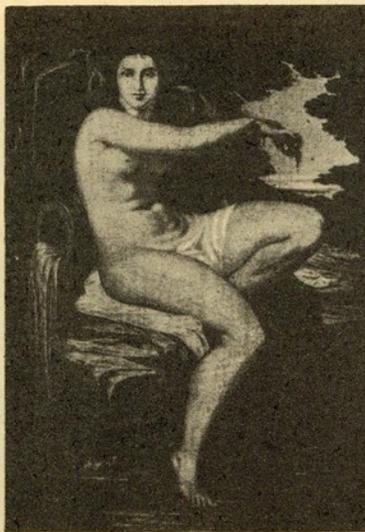
Brasileiro descendente de portugueses, neto de D. Feliciano Cirne, Morgado do Alto Douro, amava apaixonadamente Portugal, a que se refere, jubilosamente, num dos seus mais belos romances: «Terra dos Antepassados».

Também nós, portugueses, intimamente unidos a uma herança de arte excepcional, bem podemos dizer que nos orgulhamos de Pedro Américo ser brasileiro...

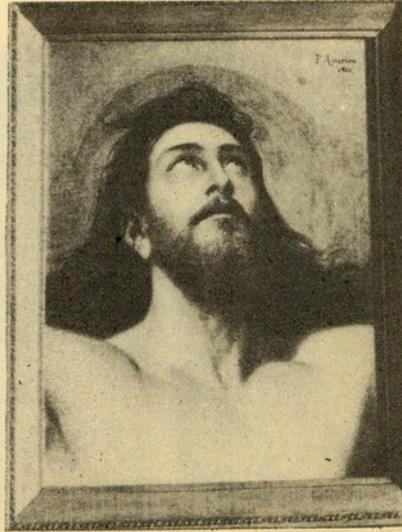
JUDITE MAGGIOLLY



A esposa do pintor vista pelo seu discípulo Décio Vilares



«A Carloca», maravilhosa composição e interpretação.



«Cristo ressuscitado» — uma das obras-primas de Pedro Américo.

# AUTO-ENTREVISTA

## Romanceada

Por AUGUSTO DA COSTA



**D**E há muito refervia no meu espírito esta idéia perfeitamente jornalística: entrevistar o escritor Augusto da Costa. Não ignoro até que ponto vou ferir a modestia do romancista, trazendo o seu nome, as suas opiniões, o seu depoimento, numa palavra, para as colunas da imprensa; mas não constituirá isto mesmo um título de glória para o jornalista — revelar ao público o que tão cuidadosamente se esconde?

A primeira dificuldade a vencer consistia em descobrir o paradeiro de Augusto da Costa. Pela manhã, já tinha saído de casa; à noite, ainda não tinha voltado. Se tem telefone, não está na lista em seu nome. Telefonei para o *Solar desabitado*: não estava. Liguei para a Parceria Pereira: havia já muitos dias que lhe não punha a vista em cima. E já quasi me dispunha a desistir da intenção, quando um amigo íntimo me deu certa e preciosa indicação...

...Efectivamente, fui encontrar Augusto da Costa sub *legmine fugi*, num recanto delicioso do Parque de Queluz, diante de um tanque com jogos de água, e muito entretido com a leitura da *Mantilha de Beatriz*, de Pinheiro Chagas.

### RETRATO DO ESCRITOR

Quando me viu, o romancista não pôde esconder a sua surpresa. Conhecem-no, ao menos de vista? É mais alto que baixo; mais gordo que magro; mais moreno que loiro; usa óculos, fuma cigarros e sobre cigarros, e não tem ainda vinte e dois anos — duas vezes. De torva catadura quando está só — ri como as crianças, quando acompanhado. Duas particularidades o distinguem dos intelectuais seus contemporâneos: traz chapéu na cabeça e não usa óculos de côr. Por fora, portanto — um perfeito burguês. Por dentro — imagine-o o leitor, porque eu não sei descrevê-lo... Posso apenas dizer o que não constitui segredo: que o autor do *Solar Desabitado* ficou imensamente surpreendido ao ver descoberto o seu paradeiro.

Sorridente, estendeu-me a mão, bateu-me no ombro, explicou-me:

— Sempre que posso, fujo da civilização. Gosto de estar só comigo mesmo, ou com um livro — que é a maneira mais cômoda de estar acompanhado, estando ao mesmo tempo sózinho. Em Lisboa faz um calor de rachar pedras; aqui, é esta frescura que sente; no Chiado, abafa-se; aqui, respira-se bom ar; em Lisboa, o barulho é ensurdecedor; aqui, é este silêncio — como dizer? — este silêncio musical! Tenho várias tebedais assim, em vários pontos à volta de Lisboa: e quando me refugio em qualquer delas, sinto-me na provincia — sem ter saído da capital.

...Retrato psicológico? Sim — mas talvez não.

### SEGREDO DE POLICHINELLO

Era o momento de principiar a entrevista. Entre nós dois estabeleceu-se, então, o seguinte diálogo:

**EU** — Explique-me uma coisa: — como consegue escrever tanto?

**ELE** — Perdendo o mínimo de tempo. Não sou máquina nem fenómeno... Levanto-me por volta das nove, deito-me por volta de uma hora da madrugada. No intervalo, salvo o tempo para refeições e deslocações, trabalho sempre — desta ou daquela maneira. Se pudesse, não faria outra coisa que não fosse escrever ou ler. Aqui estava agora, entretido com *A Mantilha de Beatriz*. Mas não o diga a ninguém, pelo amor de Deus — se não quer desacreditar-me! No Chiado, travia debaixo do braço o *Contra-Ponto* de Aldous Huxley, ou um romance de qualquer e contra-pontista nacional; aqui, à vontade, posso ler coisas mais simples e modestas...

**EU** — Não aprecia as suas próprias obras?

**ELE** — Muito! Mas somente enquanto as escrevo. Depois de publicadas, desinteresse-me delas.

### OS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

**EU** — Sofre muito, quando escreve?

**ELE** — Horrivelmente — quando revejo as provas. É um trabalho exaustivo, que depressa me cansa os rins, a cabeça... e a paciência!

**EU** — Não era isso o que pretendia saber... Não sofre quando cria?

**ELE** — Não. Realmente, tenho ouvido falar muito nas dores da criação; não me parece, porém, que seja o caso da criação intelectual. Quando escrevo um romance, não só não soffro como, pelo contrário, até me sinto feliz. Vou mesmo fazer-lhe uma confidência: quando acabei de escrever o *Solar Desabitado*, em vez de alívio por ver acabado um sacrificio, senti saudades daquele mundo, daquelas figuras com quem, durante meses seguidos,

'Tarde no jardins de Queluz — «A mantilha de Beatriz» e o «Contra-Ponto — Confissões de um romancista — Várias directrizes — Projectos, críticos, projectos — Quem é o primeiro romancista português?

me habituara a conviver. Apertei os casos dolorosos dos «grilhetas da pena»: creio mesmo que nenhum escritor sofre, moral ou fisicamente, quando passa para o papel as imagens do seu mundo interior...

### O PROBLEMA DO ROMANCE

**EU** — A propósito: que pensa do romance?

**ELE** — Não me faça perguntas complicadas? Sou um espirito simples, e o problema do romance, pelo que leio, é dos mais complexos que a humanidade tem hoje para resolver. A questão chega mesmo, por vezes, a revestir aspectos patéticos! Em todo o caso, sempre lhe direi que o romance não se define pela quantidade de páginas que comporta. Tem qualidades especificas, características irredutíveis. Há-de contar uma história a que não falte credibilidade, na expressão do velho Bourget; há-de criar ambientes, atmosferas onde o leitor se sintia viver, transportado pela imaginação criadora do romancista; há-de pintar caracteres; e do jogo dos caracteres e dos ambientes, dentro da história contada, há-de resultar necessariamente uma conclusão, uma moralidade, uma lição. Estes, a meu ver, os elementos irredutíveis do romance: mas há ainda outros, que aparecem em proporções diferentes, consoante as preocupações espirituais e as possibilidades técnicas do romancista.

**EU** — Não aceita, então, a Arte desfinalizada, a gratuidade da Arte?

**ELE** — Evidentemente, a Arte para ser Arte, não impõe qualquer finalidade fora dela própria. Mas é preciso não esquecer também que a Arte revela sempre a personalidade do artista criador. Entramos, portanto, no domínio do *homen*, anterior ao próprio artista, superior a ele. Daqui podemos concluir logicamente que a obra de arte, participando da natureza humana, há-de participar das virtudes e defeitos do seu criador, reflectir até a noção das responsabilidades que o artista sente — como *homen*. Pode o romancista, por exemplo, dizer-se alheio a todos os creídos, independente de todas as preocupações, rebelde a todas as directrizes: no fim o romance há-de traduzir, implícitas ou explícitas, como maior ou menor consciência, as preocupações do romancista.

**EU** — Aceita nesse caso, directrizes? Obedeças, nas suas criações literárias?

**ELE** — Evidentemente! Desde que me conheço, sempre obedeci a directrizes. Não mas impuseram, quando me ensinaram a ler, escrever e contar? E não me dei mal com elas! Quando me ensinaram os preceitos da doutrina católica, deram-me igualmente directrizes — que julgo não ter ainda esquecido completamente, mas grado a efoquências (como escreveu João Ameal, numa amabilíssima critica) com que descrevo paixões... pecaminosas. Quando casei, automática e voluntariamente me submeti a outras directrizes... Aliás, a vida em sociedade seria impossível sem directrizes — começando pelas da chamada boa educação.

### PROJECTOS, CRITICOS, MAIS PROJECTOS

**EU** — Que novas obras tem para dar à estampa?

**ELE** — Pronto para sair em Setembro, salvo motivos imprevistos, o já fallado *Meridiano de Lisboa*; para não sei quando, mas talvez este ano ainda, três pequenos ensaios: um sobre *Liberalismo*, outro sobre *Corporativismo*, o terceiro sobre *Maquiavelismo*; mais tarde, dois outros ensaios: *Diálogo*, com *Remalho Ortigão*, primeiro, depois — sei lá quando! — *A minha viagem aos Estados Unidos*.

**EU** — E abandona o romance?

**ELE** — Não tenciono. O romance, pelo contrário, interessa-me cada vez mais. Enquanto tiver pú blico que me leia, continuarei a escrever romances

— ainda que por tal modo vá arrelhar alguns sujeitos do mesmo officio — aquêles sujeitos que desdenham da obra alheia quando não conseguem vender a obra própria... Agora preparo, por exemplo, *Uma aventura em Lisboa*, a publicar em folhetins do «Diário da Manhã»; *Verónica*, romance que será, não propriamente continuação do *Solar desabitado* e dos anteriores, mas a projecção de uma figura de mulher que no *Solar Desabitado* sobressaia para além da minha espectativa; *Vida e Morte de João Roby*, biografia romanceada; *O Sonho de cada um*; *A rua verde* e *Menina-bonita*... Tudo isto, é claro, sujeito às correções do tempo, das circunstâncias — e dos sapos! Porque ainda há sapos no chão, e não será difficil encontrá-los à nossa volta...

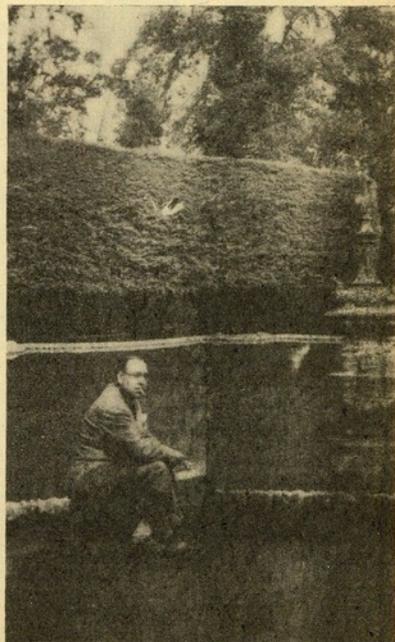
### UMA PREGUNTA, UMA RESPOSTA...

**EU** — Para fechar, diga-me uma coisa: quem é, no seu entender, o primeiro escritor português?

**ELE** — Caso curioso! Parece-me que já esperava a pergunta porque tenho aqui a resposta pronta. Não é minha, aliás! É do ensaista anglo-americano Lawrence K. Hickory, no seu magnifico ensaio: *The romancer and the romancer's problems*. Diz ele: «Neither the peoples, nor the individuals, nor the novelists can have the ambition of being the first of their class. In order that a novelist may be considered «primus inter pares» he must prove his own merit. However vague can only be proved by comparing and a parallel is always difficult if two values are qualitatively unequal. We can however state with pragmatic certainty that the first novelist in any country will always be, he, to whom cannot be strictly given the second or any other following place in the scale of merit, or perhaps, he, who will so call himself on his own authority». Deste modo falou Lawrence K. Hickory. É possível que alguns dos nossos criticólogos tenha já decidido definitivamente em matéria tão delicada; eu é que não me atreverei a emitir parecer contrário ao de Hickory!

...E assim terminou, numa tarde ardente de Junho, nos jardins reais de Queluz, entre sombras diurnas, a entrevista que o autor do *Solar desabitado* concedeu ao jornalista que discretamente se subcreve,

AUGUSTO DA COSTA



Num recanto delicioso do Parque de Queluz

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XX - o trabalho da diplomacia

2

### A CONFERÊNCIA DE SAINT JAMES

A projectada conferência da nova Ordem Europeia e a ratificação e alargamento do pacto anti-comunista deram origem a uma réplica diplomática do grupo das Nações Unidas que teve a sua expressão mais saliente na reunião da Conferência de Saint James. A assinatura da declaração comum das Nações Unidas, efectuada em Washington no dia 2 de Janeiro de 1942, estabeleceu um contacto mais estreito do que, até então, existia entre as grandes e as pequenas potências associadas naquele bloco beligerante. Embora posteriormente esta situação se modificasse e o princípio de hierarquia de nações viesse a ser pôsto de maneira concreta, sobretudo nos discursos do Primeiro Ministro Bri-

tânico, proferidos no ano seguinte, e em artigos de importantes jornais ingleses, especialmente o «Times» e «Observer», naquela altura parecia ser o princípio da igualdade de direitos e deveres, qualquer que fosse a importância internacional dos países interessados, que devia regular o sistema de relações entre os signatários da declaração de Washington.

Foi de acôrdo com este critério que os governos dos pequenos países da Europa que tinham estabelecido a sua sede em Londres tomaram a iniciativa de pedir aos governos das grandes potências (Estados Unidos, Império Britânico, U. R. S. S., e China) a convocação de uma conferência em que desejavam ver tratados alguns assuntos que directamente lhes diziam respeito e interessavam os países em nome dos quais diziam falar. Duma forma geral pode dizer-se que se tratava essencialmente de afirmar a existência desses governos em oposição a aquéles que se haviam constituído nos países europeus que viviam em regime de ocupação. Os

assuntos e as preocupações de política interna não podiam, nessas circunstâncias, ser estranhos nem à convocação da conferência, nem à sua evolução, nem às conclusões a que nela pretendiam chegar os governos que tinham tomado a iniciativa daquela convocação.

### O PEDIDO DE OITO GOVERNOS

A conferência realizou-se a pedido dos seguintes governos que tinham estabelecido a sua sede em Londres: Bélgica, Checo-Eslóvaquia, Grécia, Jugo-Eslávia, Luxemburgo, Holanda, Noruega e Polónia. A comissão nacional da França livre juntou a sua assinatura ao pedido formulado por aquéles países. A reunião da conferência foi marcada para o palácio de Saint James e a sua primeira sessão realizou-se no dia 13 de Janeiro. Como observadores assistiram representantes da Grã-Bretanha, Estados Unidos, U. R. S. S. e China (isto é das grandes potências associadas ao bloco das Nações Unidas), dos Domínios britânicos (Austrália, Canadá, Nova Zelândia e África do Sul) e ainda um observador com representação da Índia.

A conferência foi inaugurada e presidida pelo secretário de Estado para os Negócios da Grã-Bretanha, sr. Eden, que no discurso inaugural definiu os seus objectivos como sendo os da reintegração eventual da vida internacional nos domínios da lei. O sr. Eden afirmou que, com aquela reunião, o Palácio de Saint James, de significação histórica, se tornara o centro de compreensão e fraternização dos pequenos países europeus cuja independência fora atingida pelas vicissitudes da guerra. Depois de algumas sessões, a conferência que se occupou do problema das responsabilidades na fase da ocupação, chegou a algumas conclusões que evidentemente só podiam ter aplicação prática no caso de uma vitória das Nações Unidas. Quanto aos princípios de ordem geral tratados na Conferência, e que tinham no momento da sua realização um valor mais platinico do que práctico, os países nela representados concluíram pela declaração com a qual de que, no futuro, o restabelecimento da lei internacional e a organização da paz deviam assentar na base de uma colaboração durável e sincera das várias nações e na realização de uma política económica de sentido mundial que se traduzisse praticamente pela prosperidade de todos os países grandes e pequenos.

### PROJECTOS DE FEDERAÇÕES

ENQUANTO decorria esta reunião para se occupar de generalidades, a diplomacia britânica procurava vertebrar algumas realizações concretas que pusessem de acôrdo os governos dos pequenos países aliados da Grã-Bretanha que, até àquella altura, haviam manifestado uma relutância evidente para se entenderem. A Europa Central e a região dos Balcãs continuariam a constituir, uma vez restabelecida a paz e na hipótese da vitória dos Aliados, dois centros perigosos de alta tensão onde as rivalidades locais voltariam a fazer-se sentir desde que para as evitar não fossem tomadas as necessárias medidas preventivas.

que para as evitar não fossem tomadas as necessárias medidas preventivas.

O Foreign Office mantinha a sua convicção de que as querelas entre os pequenos povos balcânicos constituíam um perigo permanente para as



Matsuoka, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão.

grandes potências. A primeira conflagração mundial fora desencadeada na Sérvia, a segunda tivera a sua origem na Polónia. Mas, se este facto constituía uma lição que não poderia ser esquecida pelo Império Britânico, o qual sendo uma potência extra-continental vira os seus destinos permanentemente envolvidos nos conflitos do continente, o remédio para o mal que todos reconheciam e constavam não parecia fácil. As próprias opiniões dos dirigentes políticos e dos mentores da opinião pública britânica eram, a esse respeito, muito divergentes. A política de equilíbrio realizada antes de 1914 no continente levava alguns desses povos à rebelião, à autonomia, à independência e por fim à guerra. A política de segurança colectiva, realizada depois de 1918, não conduzia a conclusões sensivelmente diferentes. Em Genebra esses pequenos países tinham manifestado mais tendência para colaborar e fazer o jôgo das grandes potências do que para se entenderem uns com os outros. Os esboços de alianças organizados no quadro da Sociedade das Nações (Pequena Entente e Entente Balcânica) tinham-se malogrado. Em plena guerra a diplomacia inglesa ao tentar uma nova solução a aplicar depois de cessarem as hostilidades, a qual consistiria em preparar uma série de entendimentos regionais como núcleo indispensável à formação futura de sistemas federais a estabelecer no Centro e no Sudeste da Europa.



Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha.

## A POLÓNIA E A CHECO-ESLOVAQUIA

FOI de acôrdo com esta orientação que, por inspiração do Foreign Office, se realizaram em Londres demoradas negociações entre os representantes do governo Polaco e Checo-Eslavo no exílio. Essas negociações concluíram, em 23 de Janeiro de 1942, pela assinatura de um acôrdo checo-polaco celebrado entre os ministros dos Negócios Estrangeiros daqueles governos, o Conde Raczynski e Ripka. O acôrdo previa as condições a realizar para a organização futura duma confederação polono-checa e indicava os termos em que esta poderia vir a ser constituída.

Essas condições eram em resumo as seguintes: a futura confederação deveria pôr de acôrdo a politica dos dois países e resolver em comum os assuntos relativos à representação externa, defesa militar, vida económica e financeira, questões sociais, comunicações e transportes. Pelo que diz respeito à representação diplomática e aos assuntos militares dos dois países passariam a viver como se de um país se tratasse, organizando para esse efeito dois Estados Maiores, um diplomático, outro militar, que teriam o cargo de preparar e realizar as linhas gerais dessa politica comum. Para os outros assuntos, embora se procurasse estabelecer uma identidade tanto quanto possível perfeita de pontos de vista e de soluções, cada um dos Estados signatários do acôrdo gozaria de uma autonomia maior a qual seria consequência da existência de serviços privados para cada um dos países.

Pelo que diz respeito à economia, às finanças e à moeda as modalidades de aplicação do acôrdo a estabelecer seriam ulteriormente estudadas pelos técnicos dos dois países. O acôrdo checo-polaco destinava-se a constituir o embrião de uma futura confederação de estados da Europa Central e por isso a sua assinatura ficava aberta a qualquer outro país. Depois da assinatura deste acôrdo realizaram-se conversações entre os representantes dos dois países para assentarem nos pormenores da sua aplicação eventual. Estas conversações, de cujos resultados não foi publicado qualquer documento oficial, interromperam-se em Maio de 1943,

depois da ruptura de relações diplomáticas entre a Polónia e a U. R. S. S.

## A GRÉCIA E A JUGO-ESLAVIA

UM acôrdo semelhante foi assinado pelos representantes dos governos Grego e Jugo-Eslavo no exílio, em 15 de Janeiro. O acôrdo greco-jugo-eslavo era, na sua essência, idêntico àquêle que foi assinado entre a Polónia e a Checo-Eslavaquia e destinava-se por seu turno a constituir o embrião duma futura confederação de Estados Balcânicos ficando por consequência a sua assinatura aberta a qualquer outro país.

Também os governos Grego e Jugo-Eslavo de Londres aceitavam o principio de realizarem no futuro uma politica externa e uma defesa nacional comuns, estabelecendo, para os restantes assuntos da vida publica dos dois países (economia, finanças, moeda, transportes, comunicações e questões sociais), os acôrdos necessários para os resolverem de maneira semelhante. Este último acôrdo, apesar das dificuldades evidentes que a sua aplicação não deixaria de suscitar certamente, parecia mais viável do que aquêle que fora assinado entre a Polónia e a Checo-Eslavaquia, e o seu alargamento a outros países balcânicos era, porém, mais do que problemático. Especialmente pelo que à Bulgária dizia respeito, e qualquer que fosse a decisão final da guerra, era praticamente impossível pôr de acôrdo os interesses búlgaros com os interesses gregos e jugo-eslavos. Esses interesses tinham-se mostrado, no decurso da historia e especialmente no decurso dos últimos tempos, irremediavelmente contraditórios. A Turquia recebeu com simpatia, afirmada publicamente, a celebração do acôrdo entre a Grécia e a Jugo-Eslavia não lhe dando, porém, a sua adesão oficial.

## A RUSSIA E O JAPÃO

PASSANDO da actividade diplomática relacionada com as pequenas potências europeias para aquêla que foi desenvolvida pelas grandes potências entre 1941-42, deve considerar-se em primeiro lugar o caso das relações sipo-soviéticas. Por virtude dessas relações tanto o Japão como a U. R. S. S.,

constituíam uma solução de continuidade nos blocos beligerantes em que se tinham associado. A diplomacia soviética e a diplomacia nipónica tinham-se entendido, em Abril de 1941, para realizar um pacto de amizade e de não agressão que, na opinião da maior parte dos observadores da vida internacional, se destinava a ter uma existência efêmera tão contraditória eram os interesses dos dois países. Com o decurso do tempo os acontecimentos haviam de demonstrar que o acôrdo nipo-soviético de Abril de 1941 resistiria a duas provações bastante fortes para fazerem aluir os seus alicerces.

A primeira dessas provações foi a guerra germano-russa. Essa guerra, iniciada em 22 de Junho de 1941, dois meses depois da celebração do acôrdo, colocava o Japão numa situação singular. O governo japonês era aliado da Alemanha que estava em guerra com a Rússia, mas mantinha em relação a esta o principio da amizade e da não-agressão inscrito no pacto de Abril. O episódio teve como consequência espectacular, a demissão do sr. Matzoka, o Ministro dos Estrangeiros japonês que assinara o acôrdo. O Ministro desapareceu mas o acôrdo perdurou.

A segunda provação foi constituída pela guerra entre o Japão e os Estados Unidos iniciada em 7 de Dezembro de 1941 com o ataque a Pearl Harbour. Essa guerra ia, por sua vez, colocar a Rússia numa posição sensivelmente igual àquella que o Japão conheceu seis meses antes. Efectivamente, embora não houvesse entre os dois países qualquer compromisso escrito a não ser o facto de ambos serem signatários da carta do Atlântico, os Estados Unidos e a U. R. S. S. eram aliados na luta contra as potências europeias do Eixo as quais, por sua vez, eram aliadas do Japão. Como em seguida à entrada das tropas alemãs na Rússia não faltou quem pensasse que, depois de Pearl Harbour, o pacto nipo-soviético seria abandonado. Essa solução parecia indicada não apenas por motivos de ordem diplomática e politica mas por motivos, mais efectivos, de ordem militar imediata. Só da Sibéria Oriental seria possível fazer partir os bombardeiros americanos de grande raio trópico japonesa. Aos americanos não foi, porém, possível estabelecer as bases donde esses bombardeiros deveriam partir. E, ao fim de ano e meio de guerra entre os Estados Unidos e o Japão, os únicos aparelhos que deixaram cair as suas bombas sobre Tóquio não saíram das bases siberianas mas do porta-aviões «Hornet».

## UMA ROPTURA NAS COLIGAÇÕES

A sobrevivência do pacto nipo-soviético de Abril de 1941 e o facto de êle ter resistido ao desencadeamento de duas guerras locais que afectavam os seus principios (guerra entre a Rússia e a Alemanha, por um lado, guerra entre o Japão e os Estados Unidos, por outro) impediram os dois blocos beligerantes de realizar até hoje uma estratégia perfeita de coligação. O Japão não atacou ainda as posições russas do Extremo Oriente e o funcionamento da estratégia do bloco tripartido ressentia-se dessa falta. A Rússia ainda não permitiu que as suas bases Extremo-Orientais fossem utilizadas para atacar o Japão e todo o funcionamento da máquina militar do bloco das Nações Unidas sofre as repercussões dessa falta. De todos os instrumentos diplomáticos celebrados antes e no decurso desta guerra o pacto nipo-soviético parecia o mais contingente e vulnerável. Os factos têm demonstrado, exuberantemente, que as precauções feitas a esse respeito eram pelo menos apressadas.

Que explicação é possível encontrar para esta contradição aparente? A verdade é que as relações entre o Japão e a U. R. S. S., ao fim de dois anos, pois tal é o período decorrido desde a assinatura do pacto de Abril de 1941, não só se mantiveram mas, em alguns aspectos, registaram até uma certa melhoria. Tanto o Japão como a U. R. S. S., substituíram os seus embaixadores respectivamente em Moscovo e em Tóquio. As negociações sobre problemas de interesse

comum, como por exemplo das petrolarias e do petróleo da Sakalina, embora não tenham conduzido a conclusões definitivas têm-se saldado sempre por arranjos satisfatórios. Quando alguns aviadores americanos, empenhados em missões militares contra o Japão, se viram obrigados a aterrar em território soviético foram imediatamente considerados prisioneiros de guerra. Por seu turno o Japão nunca procurou impedir que os abastecimentos de origem americana, que partem da costa ocidental dos Estados Unidos em direcção ao território russo, fossem interceptados.

Por mais de uma vez notícias de origem estrangeira tem dado como iminentes dois factos: a utilização das bases aéreas da Sibéria oriental pela aviação americana e o lançamento dessa mesma Sibéria pelas tropas japonesas concentradas na Manchúria. Nenhuma dessas hipóteses ainda se verificou. Sempre que, em Tóquio ou em Moscovo, se tornou conveniente ou oportuno fazer, por parte dos directores responsáveis, declarações oficiais sobre o estado das relações entre os dois países, essas declarações apareceram invariavelmente animadas por um espirito de confiança reciproca que os factos ainda não desmentiram.

Quando, em seguida a Pearl Harbour, os jornalistas americanos procuraram o embaixador da U. R. S. S., em Washington, desejando saber qual era a attitude dos soviéticos em relação ao Japão, aquêle diplomata limitou-se a declarar: «Veremos». Val decorrido mais de um ano e meio pôde o início das hostilidades nipo-americanas. A U. R. S. S., como o Japão têm-se mantido fiéis no pacto de Abril de 1941 no meio das vicissitudes da guerra, registadas desde aquela data.

(Continua)

# PRECISA



R. NOVA DA TRINDADE, 6A. TEL. 28498

## O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

(Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra)

Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias  
Uma magnífica lição de «VIDA MUNDIAL»

# OS CONCURSOS DE ARTISTAS DE RÁDIO

## TRÊS CANTORAS

### em evidência

Por DOMINGOS LANÇA MOREIRA

O concurso para artistas da Rádio da Emissora Nacional prolongou-se durante quase um mês, com os resultados e reflexos já de todos conhecidos. Uma das modalidades, o canto de concerto, mereceu a atenção de um público especial, um mundo de «élites», pela categoria das concorrentes e pela circunstância, sempre de atender, do júri ter sido formado por nomes «grandes» do meio musical português, valorizado ainda pela presença de um Tito Schipa e de uma Guilhermina Suggia.

O primeiro prémio — primeiro e único — na importância de 3.000 escudos, foi atribuído à concorrente Arminda Correia. Entretanto, o júri, em face das magníficas provas prestadas por mais duas concorrentes, achou-se no dever moral de conferir menções honrosas, o que atesta eloquentemente do mérito das que não venceram, pelo facto de haver uma Arminda Correia!...

Não vamos discutir aqui, se houve justiça a mais ou a menos...

Mesmo que o quiséssemos fazer, faltavam-nos elementos para conscientemente lhes darmos corpo... A professora Arminda Correia, quando a procurámos, já não se encontrava em Lisboa. Tinha partido para Coimbra, onde exerce a sua actividade.

Foi-nos, portanto, impossível falar-lhe. Procuráremos com os dados de que dispomos apresentá-la aos nossos leitores.

Arminda Nunes Correia nasceu em Lagos. Desde muito nova manifestou a sua vocação para o canto. Em 1925, sensivelmente, começou a frequentar o Conservatório de Lisboa, estudando depois particularmente. Mais tarde, como bolsista do Instituto de Alta Cultura, foi a Paris aperfeiçoar-se. A artista revelava-se em toda a sua pujança. No Conservatório de Lisboa foi discípula de Augusto Machado e Artur Trindade, António Garcia e Francisco de Lacerda.

A estadia de Arminda Correia em Paris caracterizou-se por grande brilhantismo e aproveitamento. Deu lições sobre o «lied» francês e alemão, com Arlette Taskin, Marguerite Babain e Lotte Leonard. Destas professoras recebeu a cantora portuguesa as mais elogiosas manifestações de consideração pelo seu talento.

A convite do Instituto para a Alta Cultura, cantou em Paris e Bruxelas, em 1936 e 1937. Dois anos depois, o Secretariado de Propaganda Nacional convidava-a a ir a Londres, Paris e Bruxelas, onde Arminda Correia mais uma vez conquistou assinalado sucesso. Foram ao todo 7 recitais de música portuguesa, com a colaboração do pianista Jorge Croner de Vasconcelos.

No concurso da E. N. Arminda Correia interpretou obrigatoriamente, assim como as restantes concorrentes, «Lasciatemi morire», de Monteverdi, «Auf dem wasser zu singen», de Schubert, «Soir», de Fauré, «Cantar de amigos» (Lourenço, jograr), de Cláudio Carneiro e um trecho à escolha que foi o «Meu Laranjeiro», também deste último autor.

Durante dois anos foi professora de canto coral no Liceo Nacional da Infante Dona Maria, cargo que deixou por ser incompatível com a sua vida de concertista.

Actualmente, lecciona canto no Instituto de Música, em Coimbra.

Um título que ainda ninguém lhe arrebatou: a cantora que melhor canta em português!

#### A OPINIÃO DE MARIA TERESA DINIZ SAMPAIO...

Se à vencedora do concurso nos foi impossível falar, o mesmo não sucedeu às duas cantoras premiadas com as menções honrosas.

Maria Teresa Diniz Sampaio recebeu-nos fidalgamente em casa de seus pais.

Desbobinámos perguntas. E Maria Teresa acompanhada por sua mãe e por seu pai, o engenheiro Augusto Diniz Sampaio, vai respondendo.

Nasceu em Lisboa. As tendências musicais cedo se revelaram. Aos 7 anos começou a tocar piano. O violino inspirou-lhe depois franca simpatia. Aos 9 anos, às escondidas do pai, pegou pela primeira vez num violino e quatro meses depois, no dia do aniversário natalício paterno, tocou uma esultes de Leonard. Foi uma surpresa — e um princípio promissor. Infelizmente, porém, uma lesão num pulso obrigou-a de continuar a tocar o seu instrumento preferido, durante dois anos, depois de ter concluído o curso geral de violino, com 18 anos, e de ter tomado parte na orquestra dirigida por Pedro Blanch, acompanhando o grande pianista russo Moisevitsh.

Maria Teresa confessa:

— Era um suplicio para mim ouvir um violino. Adorava-o!

— Quando começou a cantar, de facto?

— Há aproximadamente seis anos. A minha professora foi Maria Amélia Cid. Actualmente, o maestro Pedro de Freitas Branco, é, como direi — o orientador do meu estudo.

— Ficou satisfeita com o concurso da E. N.?

— Sim, fiquei. Arminda Correia é uma grande cantora. O seu triunfo foi natural.

— No trecho à sua escolha, qual foi o que preferiu?

— O «Poema em forma de canções», de Turina, uma composição que não havia em Portugal, e que meu pai numa viagem ao estrangeiro, trouxe para me oferecer.

— Já cantou ópera?

— Tenho já cantado a «Tosca» e o «Lohengrin» e a «Boème» está quasi sabida!

— Quais são os seus projectos futuros?

— O futuro... Sabe-se lá! De resto, eu não sou cantora profissional. Desejo naturalmente cantar cada vez melhor, porque me dá satisfação. Espero cantar na Emissora Nacional, que também me dará grande prazer.

— E... o violino?

— Não o esqueci. Sempre que posso, toco. Mas, compreende, o canto absorve-me hoje, quasi que todo o tempo.

Num requinte de gentileza, Maria Teresa acompanhada ao piano por sua Mãe, fez-se ouvir durante alguns minutos. A nossa opinião não conta, para que mereça a pena dar-lha. Basta que reproduzamos a que está exarada num autógrafa, entre muitos que Maria Teresa possui, assinada por Tito Schipa: «A Maria Teresa Diniz Sampaio, avec toute mon admiration!»

#### ...E A DE MARIA ADELAIDE ROBERT

É a vez de Maria Adelaide Robert. É, sem dúvida, uma artista de eleição. Possui o curso de canto de concerto e está fazendo o curso de canto de ópera. Tem o curso superior de piano. Pode dizer-se: é professora de piano.

A nossa visita surpreendeu-a.

— Uma entrevista? É um acontecimento...

— Você antes de ir ao Concurso já tinha tomado contacto com os microfones da Emissora...

— Cantei no tempo de Mota Pereira, e com a orquestra do Conservatório, solos da cantata «Em louvor da Montanha», de Hermínia Nascimento.

— Há quantos anos canta?

— Há pouco tempo, relativamente.

— Pensou ganhar o prémio da Emissora?

Maria Adelaide faz uma ligeira pausa. Certas perguntas geram receios de inoportunidade. Ora, a jovem cantora é duma simplicidade transparente.

— Quando se concorre, há sempre o natural desejo de vencer. Se não se pensasse assim, mais valia ficar em casa.

— Quem foram e são os seus mestres?

— Não sei por quem principiar, tão reconhecida estou a todos — e a todos devo grandes favores!...

Presentemente no Conservatório, lembro o nome de Croner de Vasconcelos, a quem devo tudo quanto faço no capítulo de interpretação, assim como também devo salientar o grande musicólogo que é Santiago Kastner.

— A Maria Adelaide gosta realmente de cantar?

— Oh! Sim! Adoro o canto... Gostava de ser uma boa cantora de concerto!...

— Que nos diz do Concurso da E. N.?

— Fiquei satisfeita, sim. Arminda Correia, uma cantora já consagrada, ganhou sem contestação.

— Qual foi o trecho que cantou, à sua escolha?

— «Schmerzen», de Wagner.

— Acha bem a organização destes concursos?

— Permitem a revelação de novos valores...

— Não a impressiona o microfone?

— Receio mais os léxicos que os regulam...

Estamos satisfeitos. Em despedida, inquiri de projectos em perspectiva, de ambições futuras...

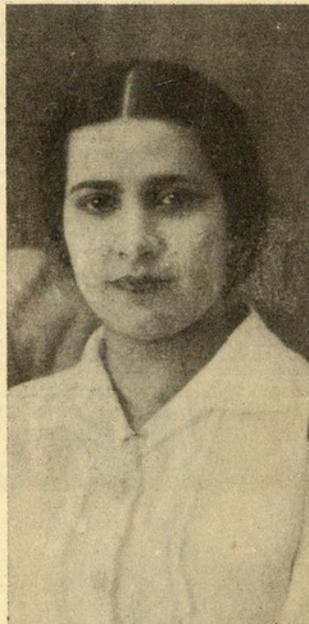
— Já o disse. Nada mais quero, e já é muito, do que ser uma boa cantora de concerto!...

Retirámo-nos. Mas antes de concluirmos estas linhas, parece-nos interessante, pelo que de altamente honroso representa para Maria Adelaide Robert, reproduzir uma frase da grande violoncelista Guilhermina Suggia, após ter ouvido a simpática cantora: «Tem todas as qualidades para ser uma artista; voz, inteligência e um grande coração!».

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Maria Adelaide Robert



Arminda Correia

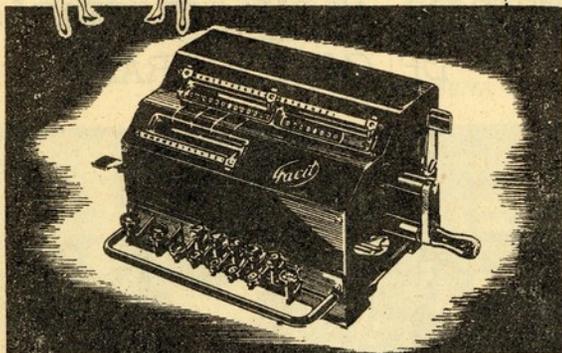


Maria Teresa Diniz Sampaio





## Discussão por causa da «FACIT»



### É tempo de comprar mais outra !!

Esta situação é sua conhecida? Todos querem fazer as contas com a nova máquina «Facit», moderna, pois é muito mais fácil e mais segura, com as dez teclas manejáveis. Os modelos eléctricos são tão rápidos! A «Facit» EA é uma máquina para trabalhar sobretudo com a mão esquerda, deixando a mão direita livre para as conferências, etc. Esta máquina é igualmente conveniente para todas as operações: soma, subtração, multiplicação e divisão. Para os que trabalham com grandes números e muitos decimais, há o modelo especial «Facit» LX com 19 algarismos no registador dos produtos.

É de toda a conveniência ter o número suficiente de máquinas, no escritório — e a máquina própria no devido lugar Peça demonstração.

A máquina de cálculo rápido

**Facit**

para as 4 operações aritméticas manual ou eléctrica

**SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.<sup>da</sup>**  
 RUA DA PRATA, 145 R. SÁ DA BANDEIRA, 339  
 LISBOA PÓRTO  
 Telef. 25281 Telex 1248

## UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

### «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. **ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

A venda em todas as farmácias e drogarías

Preço avulso: 11\$00



LEIA TODOS OS SÁBADOS

# VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

# NOTAS GRÁFICAS



O sr. general Miranda Cabral, chefe do Estado-Maior, ofereceu, no Aviz, um banquete de homenagem aos adidos militares dos Estados Unidos, srs. Robert Solborg, tenentes-coronéis Stephen Fuqua e Seymour Pond.



Philip Newman deu, há dias, um concerto de violino a que assistiu o sr. Presidente da República. O ilustre professor é um artista de merecimento, e obteve grande projecção artística o seu último concerto.



O sr. embaixador do Brasil visitou o palácio da Assembleia Nacional, onde foi recebido pelo sr. dr. Albino dos Reis, presidente daquele alto organismo oficial.



Fomos exímios na arte de encadernar. Depois, com o tempo, a nossa arte parece ter decaído. Mas a última exposição do sr. Carlos Sintra, no S. P. N., mostra-nos que é possível fazer ressuscitar as belas encadernações de outrora.

# Actualidades GRAFICAS



O Teatro do Povo apresentou o seu repertório para este ano, com dois espectáculos que se realizaram no Pátio do Conde da Ribeira. Nas fotos damos dois aspectos da assistência, durante os dois espectáculos.

# Um grande êxito!

## STUART, SANTANA E ZECO FIZERAM A SUA EXPOSIÇÃO DE CARICATURAS



O Dr. Oliveira Guimarães fala dos caricaturistas que se vêem à esquerda e o Dr. João Valério faz a caricatura de Stuart.

**E**STAVA previsto. Esta exposição de Stuart, Santana e Zeco tinha de marcar como verdadeiro acontecimento artístico. E foi o que aconteceu. Os três consagrados ilustradores e caricaturistas de «Vida Mundial Ilustrada» — uma revista que sempre fez por dar aos novos, com mérito, o lugar que lhes compete — expuseram, como estava anunciado, no Clube dos «100 à Hora», mais de uma centena de trabalhos impressionantes que só não surpreenderam, porque o mérito dos expositores é sobejamente conhecido.

O que há de melhor no nosso meio artístico tem passado pelos salões do «100 à Hora», levando com a sua presença o muito apreço pela arte de três caricaturistas e ilustradores da melhor estirpe e nas mais representativas das suas expressões artísticas. De facto, Stuart já está com as espaldas do trabalho humilde, dos tipos da rua, das pernas das varinas, de tudo o que anda pelas ruas do Porto e de Lisboa a ressaltar das mistelas de mau gosto modernista. É um grande artista, de quem apetece dizer muita coisa mas de quem se sabe dizer muito pouco. Também Zeco — o mais novo dos três expositores — está largamente representado neste magnífico certame com algumas dezenas dos seus melhores trabalhos. A sobriedade, a firmeza de traço, a escolha requintada dos pormenores cederam lugar às indecisões e nervosismo das primeiras fases da sua arte e tudo nos faz acreditar que teremos em Zeco o mais expressivo, dinâmico e flagrante caricaturista do nosso tempo. Finalmente, Santana apresenta-nos a sua excelente galeria de figuras nacionais e internacionais. Há no traço e na observação de Santana — o mais jovem dos nossos caricaturistas já «feitos» — qualquer coisa de diferente de tudo quanto entre nós tem existido neste género pitoresco e amável de mostrar o modo interior de cada um de nós. Santana é, de facto, um psicólogo e sabe pôr esse dom subtil ao serviço de um lápis que traça com sobriedade e flagrância. Com tais atributos, portanto, não seria difícil aos três brilhantes artistas alcançar um êxito que toda a Imprensa assinalou.

No acto inaugural, que teve a presença do sr. Guilherme Pereira de Carvalho, em representação do S. P. N. — o nosso querido colaborador, dr. Luis de Oliveira Guimarães contou, com a sua verve subtil, algumas anedotas dos expositores, que foram sublinhadas com entusiásticos aplausos pelos muitos convidados presentes.

O Dr. João Valério, que é um caricaturista consagrado, fez a caricatura dos expositores, e que a assistência igualmente aplaudiu vibrantemente.

A exposição estará patente até ao dia 20 e por ela continuará, por certo, a perpassar o mundo de visitantes interessados em apreciar do melhor que em ilustrações e caricaturas entre nós se tem feito.



A assistência segue interessada a palestra e prepara-se para apreciar detidamente os trabalhos expostos.

*os seus filhos  
mais tarde,  
recordarão  
a mocidade  
por intermédio  
das  
fotografias  
feitas com*

**"ferrania,"**  
*a película que nunca falha*

**J.C. ALVAREZ, L. DA**  
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA  
205 RUA AUGUSTA-207 LISBOA

2843

# Quando os grandes homens

## FORAM MENINOS

UMA CRÓNICA DE SILVA BASTOS

**D**EUS irmanou os homens pelo nascimento e é próprio, que é onisciente, quis vir ao Mundo com as mesmas graças e a mesma beleza generosa de todos os meninos.

Depois, quando as crianças se transformam em pessoas crescidas, cada qual segue as suas tendências; para o bem ou para o mal, conforme o destino.

O homem quando dá por si encontra-se com mil problemas que necessita resolver e o seu cérebro e os seus músculos passam, então, a desempenhar o principal papel da vida. Mas dentro do homem, por mais velho que ele seja, uma coisa há que o não acompanha no seu crescimento, na sua debandada para o Mundo: é a alma! Essa fica quasi sempre como veio a este Mundo: ingénua e fantasista, bondosa e caritativa. Ai daquelas excepções que não vale a pena invocar!...

Ai dos homens onde a alma envelhece!... Já nos disse Camilo que *as almas infelizes envelhecem cedo*, mas a mocidade é um romance e a velhice é uma história. Poucos são aqueles que sabem ser velhos, mas lá diz o ditado que de velho se torna a menino.

Afirma-se também que todos os homens morrem de igual maneira, que todos tendem inevitavelmente para o mesmo fim, mas a verdade é que contra a lei matemática da morte se opõe a concepção eterna da própria vida.

A morte é a fronteira da imortalidade. Jesus Cristo, crucificado, subiu ao céu ao terceiro dia, mas os outros que não morreram pela salvação do Mundo não tiveram direito à Vida Eterna.

Um belo romance que ainda está por escrever é a história dos meninos que foram grandes homens.

Creio bem que esse romance nunca será escrito, felizmente para quem os admira. Quando os ídolos se tornam humanos, quando descem do céu à terra que todos nós fomos, perdem em grandeza o que deviam ganhar em sinceridade.

Se quisessemos saber os factos mais notáveis da meninice dalguns homens que já têm direito incontestável à imortalidade ficaríamos sabendo que *Pirandello* esteve com sarampo, quando tinha onze meses, que *Gabriela Mistral* se encontrou entre a vida e a morte com um ataque de difteria e que o *Presidente Roosevelt* gostava muito de rasgar todos os livros que encontrava à mão. Em Portugal, além de casos muito semelhantes, talvez averiguássemos que o professor *Mendes Correia* sentia verdadeiro prazer em

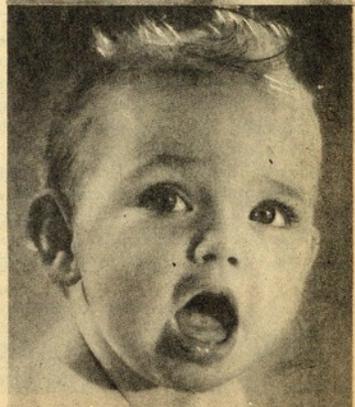
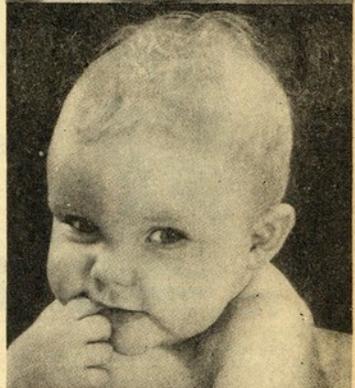
passar os dias a brincar nas areias da praia da Granja, que o poeta *João de Barros* tinha um especial interesse pelos lápis de cor, que o escritor *Aquilino Ribeiro* gostava imenso dos bonecos de estampar e que o pintor *Eduardo Malta* detestava ouvir as buzinas dos automóveis.

É melhor, por essa razão, ficarmos por aqui. Não aproximemos o mármore das estátuas de barro vulgar de que somos feitos.

Para consolação de todos os mortais, a meninice, a idade mais pura, mais bela e mais divina, é sempre monotonamente igual em todos os homens.

Deus teve as suas razões quando fez os Anjos meninos, os tornou parecidos uns com os outros e lhes pôs umas asas. Quis simbolizar com isso que a Infância podemos voar para todos os céus e passar por cima de todos os precipícios.

O Mal só aparece quando os anjos teimam em não querer voar e quebram depois as asas nos caminhos da Terra.





Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
9.45	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s		WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
17.45	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSÕES DIÁRIAS

## OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Deixe o gramofone ensinar-lhe outra lingua



Veja como é fácil !...

Sente-se confortavelmente e oiça os discos próprios para o ensino de línguas no seu gramofone. Todos os discos são gravados por professores da nacionalidade.

**CURSOS DE:**  
Francês, Inglês,  
Alemão, Ita-  
liano, Espanhol,  
Português, etc.

A medida que ouve o disco siga as palavras ditas pelo professor no livro de texto ilustrado, fornecido com o curso.

Rapidamente se familiariza com a lingua que aprende e em breve está apto a principiar a escrever e

falar com boa pronuncia, pois nestes discos não ouve uma só palavra mal pronunciada.

Peça uma demonstração nos

**Est. Valentim de Carvalho**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

2

PRODUTOS  
INDISPENSÁVEIS  
À BELEZA  
DA SUA PELE

CREME E PASTA DE AMÊNDOAS  
RAINHA DA HUNGRIA  
SÃO PRODUTOS M.<sup>me</sup> CAMPOS  
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA  
Avenida da Liberdade, 35  
LISBOA

ESCUTAI

# ROMA

NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
		2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
21.40	Noticiário	2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas
			263.20	médias
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

**CONVERSÇÕES EM LINGUA PORTUGUESA**

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

**E.I.A. CENTRO RADIO IMPERIALE**

Vida **MUNDIAL** Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJA- CENTES		ESTRANGEIRO (com convenção)	
3 meses (13 números).....	13\$00	6 meses (26 números).....	40\$00
6 " (26 " ).....	26\$00	12 " (52 " ).....	80\$00
12 " (52 " ).....	52\$00		
ÁFRICA PORTUGUESA		ESTRANGEIRO (sem convenção)	
6 meses (26 números).....	47\$00	6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00	12 " (52 " ).....	94\$00

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.<sup>o</sup> — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# QUAL É A CÔR "Mascote" DO SEU PÓ DE ARROZ



AS NOVAS  
CÔRES PARA  
O TOM DE  
PELE A  
EXPERIMENTAR

De 10 senhoras, 9 usam  
uma côr errada de  
pó de arroz

Uma côr errada de pó de arroz dá-lhe aparência detestável, dura, o aspecto de «maquilhada» — e fá-la parecer muito mais velha. A única maneira para encontrar a tonalidade que lhe convém, é experimentar numa das faces, uma côr, e na outra, uma côr diferente. Faça hoje, mesmo esta experiência com os novos e sedutores matizes do Pó Tokalon. Estes matizes novos, no tom da pele, misturam-se por meio duma nova máquina: o «Cromoscópio». É como um olho mágico que selecciona as côres com precisão infalível. Acabou-se a má impressão de maquilhagem, devido ao pó de arroz. Este novo pó funde-se tão perfeitamente com a pele, que parece fazer parte dela. O Pó Tokalon é, por processo patentado, misturado com «Mousse de creme», o que faz com que adira, todo o dia, quer faça vento ou chuva. Experimente hoje mesmo o Pó Tokalon. Veja como melhora surpreendentemente o seu tom de pele.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

## FILATELISTASI

Receberéis gratuitamente as condições de assinatura da nossa revista filatélica, se o pedido for franqueado segundo os princípios filatélicos.  
«SMS» N.º 1.104 República San Marino (Via Itália).

# AQUI entre NÓS

NO palco do Teatro do Povo nasceu, há dias, uma nova autora: Manuela de Azevedo. A sua peça *Má-sorte* — que havia sido distinguida pelo júri do S. P. N. — justificou amplamente no tablado as condições cénicas que, na simples leitura, foram antevistas. Acção corosa, diálogo bem talhado, expressivo desenho de figuras, tais são as qualidades fundamentais desta obra que a assistência aplaudiu vivamente na noite da sua apresentação. Poderá perguntar-se se o desfecho optimista estará em perfeita harmonia com a feição fortemente dramática do conflito, mas a autora, de certo pensou, com o provérbio francês, que *tout est bien qui finit bien*.



REUNIRAM-SE, há dias, num jantar, em casa do conhecido livreiro-editor António Maria Pereira, os escritores Francisco Costa, Joaquim Paço de Arcos, João Gaspar Simões e Luis Forjaz Trigueiros. Se considerarmos que cada um destes escritores possui não apenas o seu conceito literário, mas a sua ideologia política própria, temos de reconhecer que não há ainda como uma terrina fumegante para estabelecer o doce e descendente convívio entre os homens. António Maria Pereira provou-nos que, além de activo editor, era um excelente psicólogo.



## Inventário & Balanço

### QUESTÕES DE MÉTODO

O ministro das Obras Públicas, engenheiro Duarte Pacheco, foi, no último domingo, inaugurar a ponte que liga Anjeja a Cacia, sobre o Vouga. De caminho, experimentou o novo modelo de auto-motoras da C. P. e visitou várias obras que estão em curso e dependentes de vários serviços do seu ministério. Na verdade, isto é a marca do homem de acção: aproveitar o tempo, ordenar a vida, saber repartir as tarefas para que cada uma delas possa resultar, ao menos na ordem da nossa vida, como se fôsse consequência da anterior. Esta lição de método não é inútil. Muitas pessoas a quem não faltam qualidades de trabalho têm de redobrar o seu esforço pela dispersão em que deixam as suas obrigações. Numa época em que, simultaneamente, a regra de tudo poupar se deve aliar à regra de um esforço contínuo e porfiado, saber poupar-se a esforços inúteis e aplicar em realizações o potencial de energia consumida é talento que cada um deve buscar como indispensável à sua melhor lei de vida.

### TARDE E MÃS HORAS

Estas coisas de método andam, entretanto, arreadas de muito do que se vê fazer: o estudante não raro passa o ano a contar os meses que faltam para o seu exame e a concluir que lhe sobeja ainda muito tempo. Quando dá por si, tem Julho à porta e não sabe então que mais fazer à vida, porque já o tempo lhe escasseia para toda a extensão da tarefa a que se eximiu durante um ano inteiro. A partir de então, quer agarrar este mundo e o outro, sem que lhe seja naturalmente possível recuperar quanto deixou perder. Isto é tão velho e tão sabido que está gravado num velho provérbio: «tempo perdido, não mais se recupera». Pois nem mesmo assim...

### O FILTRO NECESSÁRIO

É mais método. É ver ao domingo o que vai de mundo para essas praias arrabalzadas. Bandos de rapazes e raparigas voam alegremente para o contacto do ar, do mar e do sol. Têm razão. O corpo, mergulhado uma semana inteira na penumbra triste de escritórios ou na atmosfera subterrânea da oficina, clama justamente pelas alegrias do ar livre. Onde está, porém, quem diga a toda esta descuidada romaria os perigos em que incorre com a súbita e demorada exposição solar de corpos não preparados pelo processo lento? Todas as loucuras têm os seus riscos. E quasi sempre são loucuras quanto o instinto nos pede e recebe sem passagem apertada pelo filtro do raciocínio e do bom senso.



LISBOA — a Lisboa que pode permitir-se o luxo de ir para fora — está agora fazendo apressadamente as malas para partir. Em breve as termas e as praias atingirão a efervescência da «grande época». Certas éclogas tranquilas, certos casais bíblicos vão povoar-se de vultos cidadãos intoxicados por dez meses de civilização. Desta pequena janela aberta sobre o Chiado, a *Vida Mundial Ilustrada* a todos acena, neste momento, o seu lenço de despedida, com votos de boa viagem — e feliz regresso.



**Vida Mundial Ilustrada**  
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:  
JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO:  
JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA  
TELEFONE: 25844



Correr sôbre as ondas, levado pela brisa de uma tarde estival ou à hora em que o sol mal teve tempo de contemplar as graças da Terra estremunhada — não será aspiração de todos nós em cada dia de calor? Quantos sonhos não correrão mundo, num veleiro como o êste? Vela enfunada, lá vai sôbre as águas serenas do Tejo, a caminho do Atlântico. Mas, cuidado, oh! passageiro da barca bela... onde vais sonhar com ela?